O CORREIO

Director-Gerente
A. R. d'Azevedo Bastos

SEMANARIO MONARCHICO

Editor
Bento d'Oliveira e Silva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Passos Manuel, 177 - 1.º — Porto
Composto e impresso na Typographia Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27—Porto.
Agencia em Lisboa: R. Antonio Maria Cardoso, 68-3.º.

Proprietario — JOAQUIM LEITÃO
1.º ANNO — N.º 2 — Avulso 20 rs.
Sabbado, 14 de Dezembro de 1912

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.os 1$000 reis — Serie de 26 n.os 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal) — serie de 52 n.os 15 francos (ou 3$000 reis). Serie de 26 n.os 8 francos (ou 1$600 reis). Brazil: serie de 52 n.os 6$000 reis (moeda brasileira) Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.
ANNUNCIOS — Na secção de annuncios: 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

E' NOSSO AGENTE EM PARIS

O SNR.

Alvaro Pinheiro Chagas

a quem deve ser dirigida toda a correspondencia relativa a assignaturas, annuncios e collaboração do Estrangeiro

ESCRIPTORIO
DA AGENCIA DE **O CORREIO,**
EM PARIS:

26 — Rue Feydau — 26

TELEPHONE, 275 — 56

Endereço telegraphico: *Correio Businavis — Paris.*
Endereço postal: *Correio Business — 26 — Rue Feydau — Paris.*

SUMMARIO

- **Pagar? — Para quem?**
- **Notas de um lisboêta** — por ANSELMO
- **Echos**
- **Pathologia da Republica** — por DOUTOR THALASSA
- **Porque se concentrou a Rotunda** — J. L.
- **A Caminho de Constantinopla** — por AYRES D'ORNELLAS
- **Phantasias — A guerra nos Balkans** — por ANSELMO
- **Carta de Lisbôa** — por RAUL
- **Entrevista com Maurice Leblanc** — J. L.
- **Semana Mundana**
- **Folhetim — A Chica na Revolução** — por ANSELMO
- **Defeza Nacional** — por MAJOR TRIPEIRO
- **Outros Tempos... os mesmos homens**
- **Cronica do theatro**

Pagar? — Para quem?

A' medida que os dias passam, não faz senão avolumar-se e intensificar-se, traduzindo-se mesmo em protestos de cada vez mais firmes e energicos, a deploravel impressão produzida no espirito publico pelas propostas de fazenda do sr. Vicente Ferreira, e pelas declarações com que este financeiro da Republica apresentou as mencionadas propostas no seio, mais ou menos flaccido e adulterado, da *representação nacional*. E de entre todas essas medidas, com que o regimen pensa alvejar o paiz em busca de recursos financeiros, para substituir os que se esgotavam em proveito d'alguem, que não foi certamente nem o clero, nem a nobreza, nem o povo—os que mais vivamente teem ferido a opinião nacional são os que annunciam um novo aggravamento d'impostos; o que se comprehende estando nós n'um paiz em que o cidadão, tanto no conceito proprio como no do Estado, é acima de tudo, senão exclusivamente, um contribuinte.

Para o Estado tudo vae approximadamente bem, emquanto o contribuinte contribue; porque todas as demais difficuldades as resolve elle, pouco mais ou menos, mettendo na cadeia mais uma fornada de *reaccionarios*, ou mandando subir mais um aeroplano, para distracção do elemento popular. Para o contribuinte, considerado na generalidade, tambem tudo vae toleravelmente, comtanto que lhe não peçam mais dinheiro; sendo talvez exaggerado affirmar que, quando não existisse em toda a terra portugueza mais do que um unico compatriota liberto da prisão e do exilio, esse mesmo acharia que a coisa não estava *tão feia como a pintavam*, sob condição porém que elle, por estar sósinho, não tivesse que pagar á sua custa todas as despesas da nação.

Mas agora se chegou—segundo as confissões do sr. Ferreira, approvadas por todos os ministros, representantes de todos os partidos—áquelles pontos, em que cedo ou tarde veem sempre a embicar os cidadãos optimistas, governados por politicos d'uma moral mais facil, do que essa obsoleta *moral burgueza*, que para ahi ouvimos vituperar a toda a hora pela juventude intellectual e dirigente da Republica; a qual moral burgueza consiste, no caso, em se não gastar aquillo que se não tem, e em não se talhar do bolo alheio fatia para os afilhados... nem para os seus mesmos padrinhos.

O lançamento de novos tributos sobre um povo que, segundo a doutrina proclamada nos comicios de opposição, já *não devia nem podia pagar mais*, n'um tempo em que ainda pagava muito menos do que a Republica o faz pagar presentemente, constituiria, mais do que um erro financeiro, palmar, uma violencia que as circunstancias do thesouro não pódem *justificar*, a não ser que se considere como uma ingente necessidade de salvação publica a manutenção do *statu quo*, no que respeita á sustentação pelo Estado d'algumas legiões de interessantes revolucionarios de gabinete, que entre os dias 3 a 5 d'outubro estiveram mais ou menos longe da Rotunda; pois como se sabe e é notorio, os revolucionarios civis e militares, que effectivamente tomaram parte no movimento, esses estão quasi todos reduzidos á situação de gosarem da Republica apenas o prazer espiritual, e provavelmente não mui profundo, de a ver exercida e governada pelos outros.

Quando a monarchia cahiu, ninguem do antigo regimen pensava em recorrer a um aggravamento das contribuições, e até a situação do thesouro era n'esta altura relativamente desafogada. O proprio governo provisorio, de inolvidavel memoria, o reconheceu e constatou em documentos publicos, e não só por palavras senão que tambem por factos; pois chegou a considerar-se habilitado a reduzir em certas proporções, como reduziu, o imposto de consumo, por via d'uma medida cuja concepção e cuja elaboração merecerá um dia uma estatua ao snr. José Relvas erigida pelo intermediario reconhecido.

Nos dois annos que vão volvidos desde a proclamação da Republica, as receitas do thesouro augmentaram, por uma lei economica, a cuja producção foi alheia, evidentemente, a acção do regimen; mas augmentaram.

Como se comprehende pois o desiquilibrio pavoroso que se deu de então para cá na situação financeira do paiz, a ponto de não só ter sido retirado quasi totalmente (e d'esta vez ao consumidor, não ao intermediario) o beneficio que tôra concedido no imposto de consumo) mas de ainda se annunciar como inevitavel a *exploração* da capacidade tributaria do contribuinte, pretendendo-se por este modo arrancar mais uma golfada de *muitos milhares de contos annuaes* á esgotada riqueza nacional?

O que nos paizes modernos, Monarchias e Republicas, quasi exclusivamente sobrecarrega os orçamentos, engendra os *deficits* e obriga á aggravação tributaria ou a outros meios extremos, são as despesas d'estas duas categorias: armamentos, reformas sociaes.

Que tem succedido desde a revolução ao exercito e á marinha, mesmo sómente sob o ponto de vista material, senão peorarem nas suas condições? E ao passo que annualmente os orçamentos da França republicana, da Monarchia ingleza, dos Imperios allemão e austriaco—para não fallar de outros—apresentam novos gastos em reformas de utilidade para o proletariado, o que é que tem dispendido a nossa Republica, em proveito das classes operarias?

E' d'ahi porventura que vem o desequilibrio orçamental, o espantoso augmento do *deficit*, a necessidade de novas e mais aggravadas contribuições?

E se não é d'ahi, d'onde é então?

Onde estão os novos serviços de conveniencia publica, ou a melhoria d'aquelles que já estavam estabelecidos? Onde estão os caminhos de ferro? Onde estão as estradas? Onde estão os diques, os portos, os canaes d'irrigação, a cultura dos baldios, a arborisação das montanhas?

Quem desperdiçou o que lá vae?

Quem quer devorar o que se exige ainda agora á miseria d'um contribuinte, a quem falta o capital para sequer comprar a semente, lavrar a terra ou fazer mover a fabrica, e que acossado pela fome emigra em massa, como apenas se emigra em tempo de calamidades publicas?

Se o esbanjaram, que temos nós com isso? Se a Republica não possue financeiros senão como o snr. Ferreira, que vem declarar perante o parlamento *que não sabe fazer planos* e que *não conhece maneira d'obter recursos senão pelo imposto ou pelo emprestimo (!!)* que culpa tem o paiz da bravia esterilidade d'esse campo politico?

Parece-nos que o mais assizado é assentar-se em que quem o come que o pague, porque ao paiz bem basta o que já lhe tem sahido da magra bolsa, á custa de quão duros sacrificios!...

E esse é que foi alma que caiu no inferno. Não lhe torna a vêr as cruzes, e só lhe póde contemplar o luzimento nas anafadas pessoas, para quem a Republica valeu por um tonel d'Emulsão de Scott, com hypophosphitos de cal e de soda... para os lavar.

Notas de um lisboeta

A culpa

Fomos procurar o sr. França Borges, illustre director do *Mundo*, e logo que o avistámos sentado á sua banca de jornalista dos armazens Grandella,—a banca, claro está—exclamamos affectuosamente:

—Ora viva, seu Borges!...

Devemos dizer, como esclarecimento a esta exclamação, que tivémos a honra de aprender a ler na mesma aula, em que o illustre jornalista iniciou o lamentavel conflicto, que ainda hoje o traz ás turras com a grammatica. D'ahi nos ficou o *tu* amistoso e este costume de lhe chamarmos Borges... Borges sem mais nada.

E' que na escola todos tratavam o intemerato parlamentar de hoje por Borges... *Toma, Borges, que te dou cu!... Apanha lá mais esta, ó Borges!... Aguenta-te, Borges!...* E Borges para aqui, e Borges para acolá... Emfim, S. Ex.ª era o Borges.

Exclamámos pois:

—Ora viva, seu Borges!

—Viva, amigo! respondeu S. Ex.ª com aquelle ar carrancudo de mata-mouros, que n'elle disfarça o natural mais matacousa-nenhuma, que se pode imaginar.

Porque,—é preciso dizel-o, pois a Historia hade gostar de saber estas cousas,—o illustre director do *Mundo* é, no fundo, uma pomba... Mais... é um pombal.

D'alli, podemos garantil-o, não vem mal ao mundo... Isto é, vir mal ao *Mundo*, vem, porque se S. Ex.ª não fosse o director, o jornal seria melhor escripto.

Com o *não vem mal ao mundo* queremos dizer que d'alli não vem prejuizo para ninguem... E d'ahi... vir prejuizo, vem, porque, emfim, o sr. Grandella já deve ter gasto n'aquillo um bom par de vintens.

O que queremos explicar com a nossa phrase é que o sr. França Borges é muito boa creatura, que não tem vontade de fazer mal seja a quem fôr... Isto tambem é modo de dizer, porque vontade tem elle, o que lhe falta é animo.

O melhor é ficarmos n'isto: o sr. França Borges é uma pomba. *Um point, c'est tout.*

—Viva, amigo! disse-nos S. Ex.ª

E accrescentou logo, olhando-nos de alto, que é como S. Ex.ª olha de revez, desde que se implantou a Republica.

—Então que te traz por cá?

—Eu te digo, Borges...

—França Borges, rectificou o grande parlamentar, com dignidade.

—Eu te digo, França Borges... Venho aqui fallar-te com o coração nas mãos... Borges, a Republica assim não vae bem.

—Pois olha que ainda ia peor quando cá estava o Antonio José d'Almeida... Agora, ao menos, já não publica artigos d'elle... Sempre é um melhoramento.

—Não, Borges... perdão, França Borges, eu não te fallo da *Republica*, jornal; fallo-te da Republica, instituição, da Republica, regimen.

—Ah!

—Que ha, Borges, sej-o eu, que ha Republica sabemol-o todos nós. Basta olhar para as prisões cheias de gente; basta ler os jornaes cheios de noticias de julgamentos politicos, de condemnações á Penitenciaria e a degredo, basta isso para

se vêr logo que ha Republica, isto é, que ha instituições liberaes.

—Perdão... eu não disse *ha*, com *h* antes, disse *ah* com *h* depois. Quer dizer... eu disse *ah* como quem diz *ah*... Percebes...

—Percebo... Disseste uma cousa, como quem diz outra. Está entendido. Pois, Borges, a Republica assim não vae bem... Desde que vocês tomaram conta d'isto teem diminuido as receitas...

—Sim, mas comprehendes... só com o corte da dotação á familia real...

E o illustre jornalista interrompeu-se para nos observar:

—Nota bem que eu pronuncio *familia real*, com *f* e *r* pequenos.

—Pois sim... mas gostava de te ouvir pronunciar com *F* e *R* grandes, para ver a differença.

—Não posso... Bem vês que sou incompativel.

—Está bem. Não fallemos mais n'isso.

—O corte da dotação á familia real, dizia eu, representa uma economia de mais de 500 contos por anno.

—Bem sei, Borges... mas tu deves comprehender que não só vocês diminuiram receitas como augmentaram as despezas...

—Pudéra! exclamou S. Ex.ª dando um murro na meza. Pois se as incursões monarchicas custaram mais de mil contos ao paiz!

—Sim... Vocês teem-se farto de dizer isso. Mas o *deficit* é medonho... E esse é o resultado que vocês tiraram com as diminuições de receita...

—Mas, menino, se só com a dotação real se economisaram 500 contos...

—...e com o augmento das despezas...

—Pudéra, pois se as incursões custaram mais de mil contos.

—Quer dizer: vocês para compensar a diminuição das receitas allegam a economia de 500 e tantos contos de dotação real, e para explicarem o augmento das despezas allegam os gastos com as incursões. Mas repara, menino, que a economia, em dois annos de Republica, da dotação real dá justamente os mil e tantos contos das despezas com as incursões; que, feitas as contas, a economia da dotação annula a verba das incursões, e que por conseguinte todo o augmento do *deficit*, todo o augmento das despezas e toda a diminuição das receitas, todo esse formidavel pulo, que a divida fluctuante deu, todo esse salto da circulação fiduciária, tudo isso é obra de vocês, unicamente de vocês da vossa administração, dos vossos desperdicios...

Houve um momento de silencio.

Por fim o parlamentar brilhante e jornalista illustre ergueu-se e abrindo os braços, n'um gesto amplo, exclamou:

—Olha, menino, lá como isso é, não sei... O que eu sei é que a culpa é da Monarchia.

ANSELMO.

ECHOS

A administração republicana

O relatorio das propostas de fazenda e o discurso com que o sr. ministro das finanças o precedeu, ao apresental-o ao Congresso, são o mais formidavel dos ataques que se poderiam dirigir á Republica e aos homens que á Monarchia a substituiram, como diziam elles, o unico meio de salvação para o paiz.

Careando a fallencia completa, evidente, clara, do regimen e dos seus representantes e defensores, esse relatorio e esse discurso são dois admiraveis *bouquets* finaes de foguêtes de lagrimas... de crocodilo.

O *deficit* fôra calculado para 1911-1912 em 3:832 contos.

Pois o sr. ministro das finanças declarou no seu relatorio e acentuou no seu discurso que o *deficit* real, o *deficit* rectificado foi de 6:620 contos!!...

Deu um pulo de 2:788 contos!... Nem mais, nem menos:

A divida fluctuante attingiu em 30 de Setembro a respeitavel cifra de 88:000 contos, e sabido que só n'esse mez augmentára perto de 600 contos, não será de surprehender que na entrada do anno novo o contribuinte tenha, como boas festas, a noticia de que ella se arredondou em 90:000 contos.

Pelos ministerios da guerra, marinha e fomento pedem-se, respectivamente, mais 25 mil contos, 49 mil contos e 19:300 contos, principalmente para a execução d'aquelles pittorescos planos do sr. Ferreira de Amaral tendentes pouco mais ou menos a transformar a dependencia em que o paiz está da Inglaterra, n'uma dependencia em que a Inglaterra esteja de Portugal.

Com as suas propostas calcula o sr. ministro das finanças poder conseguir,—muito principalmente pelo processo de arrancamento da pelle ao contribuinte,—um augmento de receita de 3:890 contos.

Eis em poucas linhas o quadro brilhante, que a Republica apresenta das finanças do paiz, ao fim de dois annos de administração luminosa e redemptôra!

Ha-de tratar-se aqui, não das propostas apresentadas pelo sr. ministro das finanças,—pois provavelmente quando estas linhas forem publicadas já o sr. ministro das finanças terá sido mandado, pelo sr. Affonso Costa, carpir as suas magoas no seio amigo do sr. Brito Camacho,—mas a situação financeira do paiz, as causas d'essa situação e as responsabilidades que n'ella tem a administração e a politica republicana.

Por hoje queremos fazer apenas algumas observações, muito simples, tudo quanto ha de mais simples, suggeridas pela pittoresca allegação dos jornaes republicanos de que quem tem culpa de tudo isto é... a Monarchia.

Sabido é que, como principal base de todas as suas campanhas contra a Monarchia, os republicanos apresentam, a cathegorica, a formal accusação, de que a Monarchia delapidava e esbanjava os dinheiros publicos, como sabido é tambem a affirmação dos mesmos republicanos, de que a implantação da Republica representava o inicio de uma administração rigorosa, honrada e economica.

A Republica, affirmavam os republicanos, acabou com as delapidações, com os esbanjamentos, com os abusos, que a Monarchia praticava.

Ora claro está que, se a Republica acabou com todos esses abusos, as despezas publicas foram diminuidas na importancia das delapidações e dos esbanjamentos da Monarchia, o que quer dizer que se a Monarchia delapidava e esbanjava X contos de reis, a Republica acabando com a Monarchia e com os seus abusos deve ter feito pelo menos a economía d'esses X contos de reis.

E como os republicanos diariamente affirmam que a Monarchia esbanjava e delapidava muito, muitissimo, chega-se á conclusão de que esse X deve ser egual a muitos, muitissimos contos, e que portanto a Republica acabando com a Monarchia e com os seus abusos economisou muitos, muitissimos contos.

Posto isto, occorre muito naturalmente perguntar como é que,—não tendo a Republica publicado quaesquer medidas, planos e reformas de utilidade para o paiz demandado largar verbas de despeza,—se explica que em vez das despezas publicas diminuirem, pelo menos, na importancia dos taes X contos de reis, que a Monarchia,—segundo as affirmações republicanas—delapidava e esbanjava, muito pelo contrario teem augmentado, e augmentado de tal forma, que o *deficit* real de 1911-1912 subiu a 6:620 contos?

Concorreu para esse enorme *deficit* qualquer diminuição importante nas receitas publicas? Affirmam os proprios republicanos que não, pois nos artigos dos seus jornaes, nas declarações dos seus diplomatas aos jornalistas estrangeiros, a consolidação do Regimen e a tranquilidade do paiz manifestam-se pelo desenvolvimento do seu commercio, pelo augmento das suas receitas, etc., como o demonstram com algarismos e estatisticas, que a confiança que temos na imprensa republicana e a commovida veneração, que não podem deixar de nos inspirar os prestigiosos diplomatas da Republica, nem não permittir crêr que sejam algarismos trocados e estatisticas falsificadas.

Como se explica pois o caso estranho de nem ao menos haver nas despezas publicas a diminuição dos X contos de reis, que a Republica accusava a Monarchia de dispender nos seus esbanjamentos, nas suas delapidações, nos seus abusos?

Só uma explicação lhe vemos e essa é a de que, se a Monarchia era tão má, tão má, como os republicanos dizem, a Republica ainda é muito peor, como implicitamente confessam os mesmissimos republicanos, ao apresentarem as contas publicas, pelas quaes se vê que a Republica não só desbaratou a quantia que devia ter sido economisada pelo corte dos pretendidos esbanjamentos e delapidações da Monarchia, como ainda desbaratou o augmento que o seu *deficit* representa, sobre os *deficits* da Monarchia, e mais o augmento que os jornalistas e os diplomatas republicanos dizem ter havido nas receitas publicas.

Se a explicação não é esta, então só lhe vêmos uma outra: a de serem calumniosas as accusações que os jornalistas, os parlamentares e os diplomatas da Republica, fazem á Monarchia.

Das duas explicações escolham a que quizerem.

Protestos

Diz a *Lucta:*

« A Monarchia deixou Portugal sem exercito, sem marinha, com as estradas arruinadas, os portos em pessimo estado. Todos o sabem, porque os proprios monarchicos o disseram.

Reclamou-se, antes e depois da revolução, que se acudisse a tão desastroso estado de coisas. Agora diz-se quanto custa o remedio, e os monarchicos gritam e protestam, como se as culpas de tão miseravel herança coubessem aos herdeiros. »

Não é assim...

Os monarchicos não gritam nem protestam por lhes dizerem que o remedio á situação custa tanto dinheiro.

O paiz contra o que grita e contra o que protesta é contra o facto dos governos republicanos, apezar de nada terem feito para melhorar a situação do paiz, apresentarem *deficits* de 6.620 contos, augmentos de despezas, e carregar no contribuinte, que é um louvar a Deus!

Contra o que o paiz protesta, não é contra os augmentos de despeza necessarios para a melhoria da sua situação, é contra os augmentos de despezas que se teem feito, sem que nada tenha melhorado, e antes se tenha peorado o que, de bom ou mau havia.

E, como já conhece excellentemente o que é a administração e a competencia dos republicanos, o paiz apavora-se com a ideia de serem manejadas por taes administradores e por taes competencias essas dezenas de milhares de contos de reis que se declaram necessarias.

Os gritos e os protestos teem, como se vê, uma causa differente da que lhes attribue a *Lucta*.

Presos politicos

De varios presos politicos temos recebido pedidos de assignatura d'este semanario.

Esses pedidos teem sido satisfeitos, mas as assignaturas não serão cobradas.

Todos os presos politicos que assim o desejarem e que o communicarem á nossa administração, receberão gratuitamente todos os numeros d'este semanario.

E alegria será para nós que a todos elles a nossa leitura sirva, por momentos, de conforto e distracção.

O ministro e o burro

No seu discurso no Senado, em defeza do seu projecto de lei sobre os accidentes no trabalho e em resposta ao sr. Pedro Martins, teve o sr. Estevão de Vasconcellos esta preciosa confissão:

—Ai! senhor Pedro Martins! se o projecto fosse obra do governo provisorio, *em vez de ser feito pelo burro do Estevão de Vasconcellos*, já V. Ex.ª o não atacaria d'essa maneira!

Em vez de ser feito pelo burro do Estevão de Vasconcellos?!...

Então S. Ex.ª mandou fazer o projecto pelo seu burro?!...

Pois, sem a menor ideia de lisonja, dirêmos que fez S. Ex.ª muito mal, porque um projecto como aquelle, tambem o sr. Estevão de Vasconcellos era capaz de fazer.

Escusava de incommodar o burro.

Outros tempos

O sr. Brito Camacho foi visitar uma qualquer fabrica em companhia do sr. Alfredo da Silva, director dos Electricos de Lisboa e da União Fabril. E como alguem fizesse reparo, o sr. Camacho sabe-se com esta na *Lucta:*

« Fui ali a convite do sr. Alfredo da Silva, que é uma pessoa muito intelligente, muito instruida, um industrial de excepcionaes qualidades. Bem precisavamos ter assim uma duzia ou duas d'homens, e para os termos de boa vontade fariamos uma hecatombe de varios palradores que andam ahi boiando á tona da vida publica. »

Ora este sr. Alfredo da Silva, é o mesmo sr. Alfredo da Silva dos tempos do *Chico Tezo* e das eleições republicanas, aquelle mesmissimo sr. Alfredo da Silva, que os republicanos, e a propria *Lucta*, desancavam desalmadamente por ser franquista.

Agora a *Lucta* entende que o que se precisava era de meia duzia de homens como elle.

Terá mudado o sr. Alfredo da Silva? Terá mudado a *Lucta*? Não... Ambos são hoje precisamente o que eram n'esse tempo. Simplesmente o sr. Alfredo da Silva passou de galopim eleitoral franquista a galopim eleitoral camachista. E isto não é bem uma *mudança*... E' quando muito um... *frete*.

Finanças

Ora o sr. Theophilo Braga, entrevistado pelo *Seculo*, expoz todo um vasto plano financeiro n'estas simples e concisas palavras:

—Nunca um emprestimo. O que devemos é reduzir as despezas ao minimo.

Pelo seu lado o sr. Brito Camacho, no seu discurso programma, tambem expoz todo um vasto plano financeiro nas seguintes menos simples e menos concisas, mas não menos eloquentes, palavras:

« E' necessario dizel-o com franqueza, porque só a mentira deve occultar-se—a capacidade tributaria do cidadão portuguez não está esgotada, nos justos limites em que é permittido explora-la, e as condições do paiz são de ordem a fazerem com que se lhe peça quanto ella é susceptivel de dar. A contribuição industrial, e da mesma fórma a predial, podem e devem produzir mais do que produzem, e a contribuição de registo, relativa aos bens immoveis das sociedades anonymas, tem de fornecer ao Estado uma boa parte da receita, de que elle carece. A cedula pessoal é uma coisa a estabelecer, mas não como já se quiz fazer, e d'ahi recolherá o thesouro, sem vexames e sem violencias, algumas centenas de contos. »

Os dois planos, como se vê, completam-se. A reducção ao minimo das despezas, aconselhada pelo sr. Theophilo Braga, junta-se o augmento das receitas ao maximo, preconisado pelo sr. Brito Camacho.

Na pratica os dois planos dão isto: reducção de ordenados a alguns pobres funccionarios sem protecção, seguida, para os consolar, de um augmento de impostos.

Ambos os planos teem, segundo crêmos, os applausos de todos os partidos da Republica, esperançado cada um d'elles em que algum dos outros os ponha em pratica.

E comprehende-se.

Estando as despezas reduzidas ao minimo e as receitas augmentadas ao maximo, é muito mais facil recomeçar a augmentar as primeiras e a diminuir as segundas.

E o que é preciso é facilitar... facilitar...

Lérias

Do Mundo:

« Um milhão de contos de réis foi o que a monarchia deixou de dividas, contrahidas em nome do povo, mas de que a maior parte foi para as algibeiras de certos felizardos ou ficou nas mãos dos proprios intermediarios dos emprestimos. Isto são factos que constam dos archivos do ministerio das finanças. »

Ora porque será que, dizendo o *Mundo* isto tanta vez, ainda a Republica se não resolveu a deitar cá para fora os resultados de todas aquellas syndicancias, destinadas a apresentar as provas das famosas ladroeiras dos monarchicos?

O resultado de taes syndicancias nunca appareceu. O sr. João de Menezes de vez em quando insinua ahi pelas esquinas cousas varias. Mas tambem elle insinuou ao Conceiro varias cousas a respeito de uma carta de El-Rei, e tudo ficou... em insinuação.

Os republicanos dizem que os monarchicos roubaram. Pois então provem. Venham os resultados de todas essas syndicancias. Publique-se tudo isso e vamos a ver finalmente quaes foram essas ladroeiras.

Publiquem os resultados d'essas syndicancias, pois de contrario conclue-se que ou nenhumas provas encontraram das taes ladroeiras de que fallam, ou então que descobriram haver republicanos mettidos n'ellas.

Venham os resultados das syndicancias, illustres senhores.

São os monarchicos que o reclamam. E, caso curioso, emquanto os monarchicos o reclamam, os republicanos... não teem pressa nenhuma.

Vamos, sr. João de Menezes, publique os resultados das suas farejadellas.

Aude, publique-as... se é capas d'isso...

Que admiraveis ratões!

Na Arcada:

O menino... o que me dizes a esta historia da emigração?...

—Que queres que te diga?... É um pavor!...

—Olha que se calcula que este anno sobe a 90:000 o numero dos emigrantes!... É o despovoamento, menino, é o despovoamento do paiz!...

—É... é... E eu estou a ver que por este andar os monarchicos já não podem contentar-se em fazer a restauração da Monarchia... Teem que tratar de a recomeçar toda desde o principio, e desde Affonso Henriques.

—Para quê?...

—Para quê?!... Para que venha outra vez o D. Sancho, o *Povoador*...

A Associação Commercial de Lisboa, ao prestar declarações perante a commissão parlamentar de finanças sobre a promulgação dos direitos em ouro, disse pretender a creação d'um organismo destinado a regular as transacções e a fixar os cambios, sendo de opinião que fosse o Banco de Portugal encarregado d'essa funcção, *usando para isso das suas disponibilidades em ouro.*

D'aqui se conclue muito simplesmen-

te que a Associação Commercial de Lisboa entende que a reserva metallica do Banco de Portugal, que é a garantia essencial da circulação fiduciaria, deve passar a servir em especulações cambiaes.

Suppunhâmos que o parlamento acceitava o parecer da Associação Commercial, —e muito capaz d'isso é elle, —e que o ouro do Banco passava a servir para regular transacções e fixar cambios. O que succedia?

Ora o que succedia... Succedia que precisamente aquelles que ao Parlamento tinham dado semelhante idéia, passariam, nos seus escriptorios commerciaes, a torcer o nariz ás notas de Banco de Portugal, a reclamar ou pagamento em ouro, ou uma nota de 50$000 reis por cada 20$000 reis, explicando ao cliente que ainda assim muito favor faziam em acceitar uma nota de 50$000 reis pelo valor de vinte mil reis, visto que, diriam elles, o Banco metera em negociatas cambiaes a sua reserva metallica, garantia principal do valor d'essas notas.

E a Associação dos Logistas, que com certeza adhere ao parecer da Associação Commercial, —ou não estivera n'ella o sr. Pinheiro de Mello, — passaria a dar nos seus estabelecimentos dois e cinco de troco a quem puxasse de uma nota de 5$000 reis para pagar um maço de cigarros *Antoninos*, que custa seis vintens.

O que não impedia, é claro, que a Associação Commercial de Lisboa continuasse a querer que a tomassem a serio, e que a Associação dos Logistas continuasse a promover reuniões para deliberar sobre a maneira de melhor convencer o estrangeiro... de que tudo isto por cá vae muito bem.

Hontem e hoje

E' de uso dizer-se nos jornaes republicanos que a Monarchia esbanjou, dissipou, fez o demonio a quatro com os dinheiros publicos, deixando o paiz sem exercito e sem marinha, e é de uso accrescentar-se tambem nos mesmissimos jornaes que é indispensavel que o paiz tenha o exercito e a marinha que lhe faltam.

E é justamente para que esse exercito e essa marinha offereçam... quando o paiz tiver desapparecido victima de tanto disparate, que o sr. Ferreira de Amaral ande ahi por toda a parte a reclamar pouco mais ou menos que nos habilitemos a ter a Inglaterra nas unhas e a franzir o sobr'olho á Allemanha.

Pois essa campanha que nada dará, como nada dá d'aquillo em que se mette o sr. Ferreira de Amaral, —a não ser a sua presidencia do conselho da Monarchia que deu... a Republica, —proporcionou ao *Mundo* um artigo de duas columnas no qual, entre muitos retalhinhos das sextas feiras do sr. Grandella, se encontram curiosas verdades. Assim, diz o *Mundo* n'esse artigo:

«Portugal paga para o seu exercito apenas 13,1 por cento das suas receitas. *Por isso* lhe faltam ainda 150:000 espingardas, etc...

«Portugal paga para a sua marinha apenas 6 por cento das suas receitas, ao passo que todos os outros paizes pagam entre 9 e 12 por cento. *Eis a razão por que* toda a sua esquadra cabe toda dentro de um só navio estrangeiro, etc., etc.»

Ora vejam como a ancia em que todos elles estão de arrancar a pelle ao contribuinte sob o pretexto... patriotico de se arranjar um grande exercito e uma formidavel marinha, os leva a dizer agora que o exercito nada tem e á marinha tudo falta... *porque* o paiz paga pouco para um e para outro.

No tempo da Monarchia berravam espavoridos que com o exercito e a marinha se gastavam quantias fabulosas que chegariam para nos tornar militarmente quasi invenciveis.

Depois da Republica, quando suppunham que podiam arranjar alguns emprestimos com outros pretextos, declaravam que não havia exercito nem marinha porque a Monarchia esbanjava os dinheiros publicos

Mas agora que querem ver se o paiz lhes aguenta um emprestimo formidavel e se se resigna, por patriotismo, a supportar mais impostos sob o pretexto de que são para a defeza nacional, tratam de bradar que o exercito não tem armas e a marinha não tem navios *porque o paiz paga pouco* para isso.

Agora, que o que elles querem é arranjar dinheiro seja como fôr e sob qualquer pretexto, berram que o paiz paga pouco e *por isso* o exercito não tem armas e a marinha não tem navios.

No tempo da Monarchia, como o que elles queriam era atacar, diffamar e derrubar, diziam que o paiz gastava com o exercito e com a marinha sommas fabulosas que chegariam para nos tornar militarmente quasi invenciveis!

D'antes não queriam que o povo pagasse, e berravam que era muito: agora querem que o povo pague e berram que é pouco.

Santa gente, que o paiz ha-de pagar a peso de ouro...

Crueldades

O *Mundo*, a proposito de uma qualquer correspondencia de Lisboa publicada n'um jornal francez, e na qual se diziam algumas verdades, amargas como estão sendo todas as verdades que se digam acerca do que se passa em Portugal, —O *Mundo* n'um arranco, dispara esta serie de perguntas ao correspondente:

«Onde viu esse vil calumniador esses *milhares e milhares* de presos e os *horrores* a que elles *estão sujeitos?* Onde viu esta *cruel* Republica tratar os miseraveis que no estrangeiro se armaram contra a Patria com a barbaridade com que nos horrorosos tempos do franquismo foram tratados os 217 cidadãos que a quadrilha maldita arrojou para os calabouços da policia e da municipal, a quando da bomba da Estrela, em agosto, setembro e outubro de 1907? Onde a crueldade com que foram tratados os vencidos de 31 de janeiro de 1891?»

Onde viu os *milhares* de presos? Viu-os nas prisões, e quando os não tivesse visto, sabia que elles lá estavam pelas noticias dos proprios jornaes republicanos, ia-as contando pelo que nas suas cartas dizem os presos.

Com respeito aos *horrores* passados pelos presos do tempo do governo do sr. João Franco, dão interessantes pormenores as *memorias* do sr. Affonso Costa, que n'ellas falliou do bem que era tratado pelos officiaes e da excellencia dos bifes, dos pitéus e do Champagne que todos os dias lhe era mandado buscar ao Café Tavares.

Dos tormentos passados pelos vencidos de 31 de janeiro fallam os artigos e as declarações que o sr. Antonio José d'Almeida já fez no seu jornal e em discursos, e segundo os quaes *nunca* se usou para esses revolucionarios da selvageria com que são tratados os presos de agora.

Isto é, são os proprios republicanos que confessam que *nunca* os monarchicos os trataram com a crueldade de canibaes com que estão sendo tratados agora os presos politicos.

Nunca.

E se o sr. Alves Ferreira não tivesse atirado fóra a carta que o sr. França Borges lhe escreveu, e o sr Silva Monteiro a não tivesse feito desapparecer quando mais tarde a encontrou, ver-se-hia que se n'essa carta o sr. França Borges pedia que o mandassem embora, não se queixava comtudo de ser martyrisado na prisão.

Mulheres portuguezas

D'um discurso do sr. Antonio Granjo, republicano evolucionista:

«Pois não será acaso verdade que nos cárceres ha, em plena Republica, mulheres acusadas de crimes politicos, e não será acaso verdade que ainda as mulheres portuguezas não ergueram as suas vozes comovidas contra um tamanho atentado ao coração português, á tolerancia da democracia, á generosidade da vitória e á propria gentileza da nossa raça? Que vento de secura passou pelos olhos e pelas veias das mulheres portuguezas, que já nem sabem pedir pelos desgraçados, que já não sabem lembrar-se que nas cadeias, sentindo nas carnes invioladas o bafo dos criminosos de toda a especie, gemem mulheres da sua raça?»

O sr. Granjo esteve fazendo phrases com a consciencia de que elle proprio, como republicano, muito bem sabia responder ás suas perguntas.

Elle sabe muito bem que mulheres portuguezas teem erguido a sua voz commovida a favor dos presos, que muitas teem chorado lagrimas de sangue.

Mas o sr. Granjo finge ignorar a *gentileza da nossa raça*, cedeu o logar á *grosseria de roça* hoje triumphante, que ás mulheres que choram a sorte de todos esses desgraçados que a Republica lançou para prisões infectas, que as procuram consolar e acudir-lhes, as mette a Redemptora em cárceres. Olhe o sr. Granjo o que se fez á sr.ª D. Eugenia Teles da Gama.

Deixe-se de phrases, sr. Granjo, e tenha corajem moral de perguntar, não se seccaram os olhos das mulheres, mas sim se se paralysaram os braços dos homens.

ALVARO PINHEIRO CHAGAS (Anselmo)

NOTAS D'UM LISBOETA

2 bellos volumes

Preço 1$200 reis

A' venda nas principaes livrarias

Pathologia da Republica

Crise partidaria. — Inquerito

Nos funestos e negregados tempos da Ominosa, quando os erros dos partidos (que são doença de todos os regimens) os collocavam em crise, com a opinião e as necessidades da politica e da administração publica—a Corôa resolvia os embaraços resultantes d'essa inhabilitação momentanea dos grupos politicos para o exercicio do poder, pela formação de ministerios extra-partidarios, aos quaes a *verve maliciosa* de Mariano de Carvalho applicou a pittoresca alcunha de *nephelibatas*, o exdruxulo hellenismo, que um ilustre poeta dedicadista puzera então em voga.

Esses ministerios nephelibatas, apesar de extra-partidarios, não eram mais do que uma miscellanea partidaria. Compunham-n'os homens de varias côres politicas, que, inimigos hontem, se encontravam hoje reunidos em torno da mesma mesa, á roda da qual se debatiam os graves negocios da publica governação. Quer dizer, quando os partidos se sentiam impotentes para governar, cada um de per si, juntavam-se os dois rivaes e lá iam ambos, encostados um ao outro, como dois estropiados que marcham amparando-se reciprocamente.

Claro está que isto era sempre um manifesto symptoma de debilidade, de fraqueza partidaria, um colapso da energia politica das instituições. E os jornaes republicanos d'esse tempo (tempo nefando em que se permittia que houvesse jornaes desaffectos ao regimen vigente!) não deixavam de pôr em relevo esta prova de caducidade da monarchia-representativa.

Mas um dia essa pobre monarchia some-se, como um reprobo que o inferno traga, por um alçapão de magica. E a joven Republica surge ao alto da Rotunda e desce Avenida abaixo, ao som da Portugueza, toda de vermelho e verde vestida, trazida gentilmente até ao quartel general pelo braço do snr. Machado Santos.

Forte, desenvolta e petulante, ella debutou pelas audacias radicaes do *provisorio*, que virou tudo de pernas para o ar, e ahi n'essa linda posição, deixou aquillo em que poz as salvadoras mãos. Depois, sempre robusta e decidida, metteu hombros á tarefa eleitoral e deu uma camara admiravel, uma camara que era a expressão maxima da unidade, de homogeneidade, da industrictivel cohesão parlamentar.

Mas tamanha maravilha politica é d'aquellas cousas, que a *fortuna não deixa durar muito.*

Em breve, a Constituição estava votada. Entrava-se na *normolidade constitucional.* E, subito, essa unidade desfez-se, esse rijo bloco desagregou-se, o astro estilhaçou-se em asteroides — e os partidos nasceram.

Explendida eclosão! Não fallando em varios grupelhos, tiveram, logo de casa, inicio partidario do regimen, não os dous classicos partidos de rotação, mas nada menos de quatro grupos, mais ou menos consideraveis: os *evolucionistas*, os *democraticos*, os *unionistas* e os *independentes.*

Cada um d'estes grupos desfraldou a bandeira, installou centro, publicou jornal, fez viagem de propaganda, cumpriu, em summa, todas as formalidades, que o uso e a praxe impõem aos partidos que se prezam, e que *contam* na mechanica politica d'um peso.

Parecia que, com um tão lindo e rico sortido partidario, o Chefe do Estado não teria difficuldades em organisar gabinete. Mas, no curto espaço de tempo da sua presidencia, o Snr. Manuel d'Arriaga já tres vezes se viu em angustiosos apuros, para pôr a navegar os seus ministerios. E á hora a que isto escrevemos, se é verdade o que os jornaes dizem, as coisas não lhe correm melhor. A Republica apresenta novos simptomas d'uma *crise ministerial recolhida*, — o que é grave, muito grave mesmo...

E' que, pelos processos e methodos puramente artificiaes, por que entre nós se fez a Republica e se organisaram os seus partidos, que não vieram, como devia ser, d'uma livre concorrencia na urna, mas d'um *enaipamento* de individualidades, realisado dentro d'uma assembleia limitada, fechada e intangivel por quatro annos — por esses methodos e processos, o resultado que se obteve (e que na verdade, abona e enaltece o genero politico dos estadistas da Republica) foi crear partidos, dos quaes nenhum tem elementos e força para governar, só de per si!

Quer dizer, a Republica, n'este capitulo, começou por onde a monarchia acabou. A sua *crise partidaria* é ingenita. Por mais esforços que se empreguem não ha meio de formar um ministerio homogeneo, retintamente partidario, com meios d'acção proprios, com ideias e programma proprios, que ande firme, livre e desembaraçadamente pelo seu pé. O *nephelibatismo* politico, as *concentrações*, os *blocos*, todas essas formas de hybridismo ministerial, que são um symptoma palpavel da impotencia partidaria — apparecem, na Republica, não como achaques da senilidade d'um regimen, mas como verdadeiros males d'origem embryonaria, como aleijões ou vicios physiologicos de nascença.

Ora se na velha monarchia, isto era uma enfermidade, que os doutores republicanos consideraram prenuncio de morte, que se dirá das condições de vida d'um organismo que — nos dois annos d'edade, assim se mostra tão enfermiço e tolhido, e tão profundamente atacado d'uma doença, propria da decrepitude senil?

Confesse-se francamente que é para inspirar cuidados...

DOUTOR THALASSA.

* * *

Porque se concentrou a Rotunda

Entrevista com o capitão Remedios da Fonseca, commandante da 2.ª companhia de Infantaria

O 5 de outubro encontrou o capitão Remedios da Fonseca commandando a 2.ª companhia de Infantaria de Guarda Municipal, aquartelada nos Paulistas, á Calçada do Combro.

Nós encontrámol-o em Paris, tendo já deixado a Guarda Municipal, o exercito, o paiz, depois das horas sacrificantes da Galliza e com a sua fé monarchica refinada pelas amarguras. A sua cathegoria, o papel que o seu commando representou na manhã de 4, e os episodios de que foi testemunha, tornam esta entrevista um precioso depoimento sobre a acção, ainda mal estudada, da Guarda Municipal no 5 de outubro.

Homem de poucas fallas, o capitão Remedios da Fonseca historiou com precisão e sobriedade: — ao commando da 2.ª companhia de Infantaria da Municipal, — que eu assumira a 12 de novembro de 1909—, a ordem de prevenção chegou ás 8 horas da noite, de 3 de outubro. A's onze d'essa mesma noite, o coronel Malaquias de Lemos telephonou mandando-nos ficar debaixo d'armas e, chamando a minha attenção por o signal da revolução (de que afinal só ouvimos 2 tiros) confirmou-me as instrucções do Plano Secreto, que me marcavam a Caixa Geral dos Depositos (Calhariz) onde havia uma estação guarnecida pela mesma 2.ª companhia. Sahi do quartel dos Paulistas, á meia-noite e 10 minutos e mandei tirinta homens, sob o commando do tenente Costa Monteiro guardar o gazometro da Rua de Boa-Vista.

—Quantas praças deixou no seu quartel?

—Vinte homens, ao todo, com Guarda do Quartel reforçada, rancheiros e impedidos. A força, que forneci ao gazometro, nunca foi rendida pela força de engenheria, como estava determinado.

—E o capitão Remedios da Fonseca cou sempre no Calhariz?

—Até ao amanhecer de 4.

Para cortar a marcha aos revoltosos

—E informações?

—Nenhumas. Passava um ou outro policia, que fazia por ahi caminho, mas não que andassem em serviço. Contavam que as esquadras tinham sido assaltadas e fechadas, e que recolhiam ao governo civil. O mais eram presumpções, hypotheses. Sentia-se tropel de cavallaria e dizia-se: deve ser cavallaria, que vae ao encontro dos revoltosos do Rato, que se dirigiam á Avenida. Ouvia-se tiroteio, para as bandas da Estrella, e eu ia avisando o Carmo, pelo telephone, de todas as noticias ou alarmes que ia tendo. Ora esse tiroteio, ouvido para os lados de Estrella fôra a 4.ª companhia da Guarda que impedira a fógo a passagem dos revoltosos para as Necessidades. A artilharia dos insurrectos dispersou-se na rua Ferreira Borges, ficando só meia-duzia de homens. E foram os civis que resistiram ao panico: «*oh! rapazes, não é nada! vamos lá!*», e que pegaram nas peças, seguindo para o Largo do Rato.

—Em desordenada debandada! Se não são os civis, a revolução morria logo ali. E parece facto averiguado que o commandante da 4.ª companhia, capitão Pinto da Cruz, perguntou para o Quartel do Carmo se devia perseguil-os. O Carmo respondeu que seguisse á risca as instrucções, ficando onde estava. Começavam a apagar os candieiros, quando houve uma chamada ao telephone. Mandei lá o alferes Barros, que trouxe esta ordem, do 2.º commandante da guarda: «reforçar a guarda da Caixa Geral dos Depositos até 15 homens, e 1 sargento, e seguir d'ali immediatamente para ir ao Largo de S. Roque cortar a marcha da artilharia que, n'essa occasião,

dizia elle, seguiam pela rua da Escola Polytechnica, D. Pedro V e S. Pedro d'Alcantara. Logo a seguir, veio o ajudante do rancheiro da 2.ª companhia trazer a mesma ordem, de marchar para S. Roque, ordem que fôra recebida nos Paulistas. No mesmo instante, outra chamada ao telephone: era o proprio coronel Malaquias, que perguntava: *«Então ainda está? Siga já!»* Segui todo o caminho em acceleirado e quando cheguei tive apenas de dispôr as forças.

—Que gente levava comsigo?

—O effectivo era de 160 homens, mas, descontadas as fracções do quartel e Caixa Geral dos Depositos, eu cheguei a S. Roque com uns 65 ou 67 homens.

—Que dispôz...?

D'esta forma: uma fracção voltada para S. Pedro d'Alcantara, com a esquerda appoiada na rua do Gremio Lusitano (4 fileiras, duas de joelho e duas a pé, commandados pelo alferes Barros); n'essa mesma rua, e vedando-a, quatro soldados e 1 cabo; na esquerda, no alinhamento da primeira força, com a frente para baixo e costas para a Igreja, outra fracção, duas fileiras, commandadas pelo alferes Marques, que fechava de dispôr as forças [illegible] das umas nas outras nos subalternos, quando ouvir dizer: «Ha gente!» Era nisco-fusco; firmei-me bem e um homem a cavallo. Dei voz de fôgo. Fez-se fôgo, quatro descargas, com pontarios baixas, a valer.

—E não teve resposta?

—Não, senhor; os homens retiraram, e eu mandei, pela rua lateral, tomar as ruas que vinham ter ali, para estar prevenido e cortar a marcha de quaesquer forças. Ao mesmo tempo, mandei o alferes Marques, communicar ao quartel do Carmo aquelle encontro, e o effeito do meu fôgo, que, seja dito de passagem, levou nova perturbação aos revoltosos e intrigou os que estavam longe. O commandante Malaquias de Lemos ficou muito satisfeito, enviou-me mais munições para o remuniciamento. E no meio tempo em que dava instrucções, que eu tambem mandára pedir, chegou ao Carmo um clarim do 1.º esquadrão da Guarda Municipal, dizer ao coronel Malaquias de Lemos, que tinham feito fôgo sobre o 1.º esquadrão da guarda, ferindo-lhe 1 cabo e varias praças, e matando-lhe alguns cavallos.

—«E foi gente da Guarda, meu commandante!» accrescentou o clarim.

—«Gente da Guarda?. Não póde ser!» repeliu o coronel Malaquias.

—«Sim, senhor, gente da Guarda!» insistiu o clarim.

—«Então por onde é que vocês vinham» perguntou o commandante.

—Ora aqui é que está a explicação do caso, diz o capitão Remedios—O 1.º esquadrão estava no Rocio, e foi mandado seguir para a Rua Nova do Carmo, Chiado, S. Roque, e dar a volta pelo Rato e Avenida, para cahir sobre a artilharia revoltosa, trasmalhada pelo ataque da Guarda Municipal da Estrella. Comprehende: desde que eu tomára S. Roque, os revoltosos —a artilheria—se descem da Praça do Principe Real a S Pedro d'Alcantara encontram o meu fôgo; se vão pelo Rato para a Avenida, o 1.º esquadrão encontra-os ainda em marcha, varria-os pela Avenida abaixo, e era d'uma vez uma Rotunda.

—E afinal porque se não passaram as coisas assim?

—Porque o 1.º esquadrão creio que nem chegou ao Rato, e voltou para traz, em vez de ir na esteira dos revoltosos.

—O commandante d'esse esquadrão?

—O capitão José Monteiro Cabral de Vasconcellos.

—E os homens, sobre quem a sua força fizera fôgo, não tentaram voltar?

—Já vae ouvir, faça o favor de esperar. Eu guardei as ruas lateraes, como lhe disse, e mandei fazer um reconhecimento, que me assegurou não haver traço da força, sobre a qual eu mandára fazer fôgo. Emquanto eu procurava a força, a que as minhas descargas haviam cortado o passo, passava-se no Carmo o dialogo do commandante com o clarim, a que assistia o meu alferes Marques. Quando o coronel Malaquias perguntou ao clarim: *Então por onde é que vocês vinham?*—, o clarim respondeu: *«Sabêrá o nosso commandante que, quando nos fizeram fôgo, vinhamos em S. Pedro d'Alcantara!»*

—«Em S. Pedro d'Alcantara?! Então fômos nós que fizemos fôgo!» conclue o alferes Marques.

E o coronel Malaquias com as mãos na cabeça exclama:

—«Oh! co'os diabos! Era melhor não terem feito fôgo!»

—«V. Ex.ª deu ordens terminantes, e por tres vezes, para cortar o passo á artilheria, que vinha já a caminho de S. Pedro d'Alcantara.», lembra o alferes Marques.

—«Pois, sim, mas podiam ter deixado de fazer fogo!» declarou o coronel Malaquias.

—O alferes Marques voltando, relatou-me isto mesmo, sabendo eu só então que a minha força atirara sobre uma força da Guarda Municipal. Mas que culpa tinha eu que o 1.º esquadrão em vez de varrer os revoltosos do Rato á Avenida, impedindo assim o entrincheiramento da Rotunda, voltasse para traz sem o serviço feito, e se apresentasse deante dos meus soldados, sem um toque de clarim, sem um signal nada?! O commandante da Guarda Municipal avisara-me com toda a firmeza que a artilheria, insurrecta, ía descer por S. Pedro d'Alcantara; era ainda noite fechada, nem luz de candieiros, já apagados, nem luz de sol. Como podia eu reconhecer o 1.º esquadrão? Indisposto com as exclamações do commandante, tornei a mandar o alferes Marques ao Quartel do Carmo communicar, da minha parte, que eu não compriria mais ordem alguma, que me não fosse transmittida por qualquer dos seus ajudantes ou officiaes competentes. E desde essa madrugada até á tarde do dia 4, ali estive na rua, sem saber nada do que se passava.

—Depois...?

—Depois... contente-se por hoje. Já lhe contei porque se concentrou a Rotunda, outro dia lhe contarei outros episodios.

—Diga-me uma coisa: qual a sua opinião sobre o commandante do 1.º esquadrão? Porque não varreu elle os revoltosos do Rato á Avenida? Não os encontrou? ou, encontrando-os, o que lhe faltou: valor ou dedicação? Sabe que esse capitão Vasconcellos foi distituido pela Republica, no dia seguinte ao 5 de Outubro; reclamou, allegando ser um republicano do 31 de Janeiro; a Republica reintegrou-o, o esquadrão ter-se-ía opposto?

—Sei os factos.

J. L.

* *

A Caminho de Constantinopla

No dia 30 de Setembro ultimo, os quatro estados balkanicos, Bulgaria, Servia, Grecia e Montenegro expediam simultaneamente as ordens de mobilisação; a 9 d'outubro, ao som do hymno nacional, o Principe herdeiro do Montenegro, em presença do Rei seu Pae, apontava e disparava o primeiro tiro de artilharia, que ia iniciar o ultimo acto de uma lucta travada desde seculos atraz, desde que as, hostes de Tarik atravessavam o Estreito vinham derruir a velha monarchia Goda nos campos de Guadalete.

A 18 e 19 os outros alliados atravessavam as fronteiras: a 22 os Bulgaros começaram o investimento da praça forte de Andrinopla; a 24, com a tomada de Kirk-Kilissé iniciavam o seu movimento estratégico pela esquerda, e pronunciando o avanço com o dispositivo em esquadro, tão conhecido dos estudantes de historia militar, occupavam Kotckava a 25, Vigo a 26, fixavam o adversario no seu centro tomando Babc Eski no dia immediato, e empenhavam assim a 29 na linha Lula-Burgas—Sarai, a batalha, que no fim de dois dias destroçava por completo o exercito de Nagim Pachá.

No dia 24, os Servios batendo em Kumandro o exercito turco da Macedonia abriam o caminho d'Uskub, onde já o Rei Pedro entrou em triumphador; por seu lado o exercito do diadocos tormava Elassona do entrar em campanha, batia o adversario em Venia, occupava Salonica no dia 10. No fim de tres semanas de operações o exercito turco desmoralisado, recuando até ás linhas de Tchataldja, ameaçado d'um movimento envolvente duplo, pela sua esquerda em Rodosto e pela direita em Derkos, pouco mais poderá conseguir do que protelar por curto praso a entrada dos christãos em Constantinopla.

A promptidão com que foi executada a mobilisação dos alliados, o segredo do seu desenvolvimento estrategico que quasi se confundia com a concentração, revelavam logo o cuidado da preparação para a Guerra; o ataque directo dos bulgaros sobre Andrinopla, permittindo-lhes logo pronunciar o ataque de flanco por Kirk Kilisse tornando possivel o avanço pela esquerda com que manobraram durante a batalha, são outras tantas demonstrações da superioridade de manobra; o combate formidavel da infanteria bulgara no ataque, a cooperação do fogo esmagador da artilharia, a technica perfeita das marchas executadas com uma continuidade como talvez se não repetisse desde o Grande Exercito, tudo representa uma soberba applicação do principio com que Napoleão fechava o despacho celebre com que iniciava Massena na maravilhosa manobra de Sandschat: *rapidité, rapidité et audace!*

A carta da Europa Oriental vae ser remodelada; assim dizia o ministro Asquith na Camara dos Communs. E essa simples phrase, tão cheia de futuro, traduz o maior acontecimento que o mundo por certo tem visto desde Waterloo para cá! Ha pouco celebrou-se em Roma, por uma coincidencia estranha, o aniversario da batalha da Ponte Milvio, onde a 18 de outubro de 312, Constantino derrotava Maxencio. Vencera em nome da cruz, e poucos mezes depois o edito de Milão dava á Egreja foros de cidade. Então nenhum dos poderes constituidos, Senado, pontifices ou augures, sonhou sequer com os resultados que ia ter esse facto, de tornar christã a civilisação latina. Tambem agora diplomatas e estadistas acordaram estremunhados e aborrecidos ao som do troar do canhão, que ribombando pelas alcandoradas fragas das serranías balkanicas, vinha pôr a luz clara do facto na poeirada tonta do seu palavriado.

O que tornou possivel esse facto, como acaba de surgir essa alliança neo-slava, e essa Bulgaria que entra na scena da Europa contemporanea com o mesmo estampido com que o Japão appareceu no mundo? São duas consequencias da mesma causa: ambos os povos foram preparados por uma longa elaboração das suas forças vivas por uma monarchia inspirada na tradição, indo buscar nella as energias necessarias para um futuro imperialista.

Longe de nós é certo, negar ou amesquinhar a posição de merito, a força singular que revelam, n'um e noutro caso, os povos. Na guerra presente por exemplo, não só a declaração foi apressada pela vontade nacional, mas ainda os successos fulminantes da campanha tem em grande paate explicação no elevado sentimento das populações. E a singular habilidade, e profunda psychologia do commando bulgaro tem consistido precisamente em dirigir as manobras por forma a aproveitar toda a força que esse sentimento lhes poz nas mãos. E' o correspondente da *Reichspost* que o nota: reconhecendo o impulso formidavel que impelle ao assalto as massas da sua infantaria, dirigem-na ao ponto decisivo sem grandes preoccupações de tactica de taboleiro. Tendo na mão um ariete capaz de abrir brecha em tudo quanto estiver diante, tratam apenas de o guiar. E com uma preparação de guerra excellente, com uma organisação militar de primeira ordem, adaptaram ao combate uma verdadeira *tactica nacional.*

Ainda, sob o ponto de vista politico, ocioso seria diminuir a forma como quer a *Sobranié* bulgara ou a *Schoupchtina* servia concorreram para esse movimento ou contribuiram para esse impulso. Simplesmente, todos esses elementos seriam improficuos se não houvesse *um homem*, uma mão firme e *constante*, para coordenar todos os esforços, para fazer convergir todas as forças vivas da nação no objectivo unico. Não se improvisa um povo, não se cria d'uma vez uma nacionalidade; não se lhe dirige a vida com theorias, não se lhe corta o passado n'um dia. Educa-se, torna-se apto á lucta indo buscar á tradição as forças que o laço mysterioso da estirpe lhe vae transmitindo de geração em geração. Porque, de facto, o que as victorias dos alliados, em todo o theatro da guerra estão realisando, não é apenas a derrota d'um exercito que tinha outra especie de tradicções, é o desabar d'uma nacionalidade. Mas não ha hoje já duas opiniões acerca da causa de tal phenomeno: foi o regimen *joven-turco* que liquidou o Imperio ottomano.

A opinião que se publica recebeu ha quatro annos com universal applauso a entrada do velho Imperio do Islam no convivio da civilisação europeia. Nada lhe faltava: um sultão constitucional, um parlamento, eleições livres e um exercito democrata. Onde ficaram os janizaros do Gran Senhor? Simplesmente esse palavriado disfarçou mal a realidade, a subida ao poder da franco-maçonaria, jacobina e internacional.

As theorias que inspiram a sua acção vão sendo bem conhecidas: consistem na negação de todos os principios em que assentam as sociedades humanas. E' uma das leis da vida mais verificada a que ensina que ella se desenvolve por *continuidade*, elles negam a tradição e pretendem cortar n'um dia toda a historia d'um povo; propaga-se e dura pela *selecção* e ellas transformam a arte elevada de governar na cynica exploração da nação em seu exclusivo proveito e consideram logares e empregos seu apanagio proprio. Finalmente a sciencia não conhece mais poderoso factor da personalidade humana do que a *Raça*, a energia accumulada pelas gerações successivas, por todos esses mortos que na expressiva phrase de Vogué, *vivem em nós*; pois elles transformam o homem n'um individuo abstracto, sem raizes no passado, sem aspirações para o futuro, um escravo nato da opressiva tyrania do Estado! Negando assim todos os principios da Vida, só podem dar a morte, corroendo até á medula toda a acção d'um paiz. A autoridade annullada, a hierarchia em ludibrio, os chefes de loja a commandar, o exercito democratizado, a administração militar um roubo, a *anarchia* em acção, eis o quadro que se vem desenrolando nos campos da Thracia e da Macedonia revelando aos olhos do mundo attonito como um falso regimen prepara o desabar d'uma nacionalidade.

14-11-912

AYRES D'ORNELLAS.

Phantasias

A guerra nos Balkans

Eu chegára n'essa tarde á cidade do Velho Mundo, e da estação seguira logo para um pequeno hotel no Bairro Europa, onde dentro em pouco me installava n'um confortavel quarto. Meia hora depois dormia profundamente, sem que me impedisse esse começo de desforra, das duas noites passadas em claro no comboio, a bulha infernal que na sala de jantar estavam fazendo, quando da minha chegada, os hospedes de todas as raças e de todas as nacionalidades que pareciam, pela familiaridade respeitosa com que se lhes referira o creado, serem clientes antigos da casa.

—Temos de tudo, dissera-me o rapaz pousando a minha mala a um canto do quarto, —um engenheiro francez, um caixeiro viajante allemão, um negociante turco, um caçador montenegrino, um principe russo, um esculptor grego, um astronemo inglez, um official austriaco, um lavrador bulgaro, um tenor italiano e um estudante servio... E' boa gente... elles ás vezes fazem para ahi uma bulha, que ninguem se entende.

Dissera tudo isto de uma assentada, com quem tinha de ha muito de dâr aquella informação á curiosidade dos viajantes.

Alta noite acordei.

A bulha lá em baixo tornára-se insupportavel. Irritado, lembrando-me que era da terra de Vasco da Gama, da padeira de Aljubarrota e do sr. Ferreira do Amaral, já estendia a mão para a campainha, disposto a reclamar energicamente do creado que no hotel se estabelecesse um socego, que me permitisse dormir, quando, entre um ruido formidavel de copos esmigalhados, de cadeiras derrubadas e de pratos que se quebravam, ouvi gritos de desespero, brados de colera, e, de subito, uma porta que se abria violentamente. Depois foi da rua que subiu um ruido de pancadas, de lucta, entre pragas e ameaças.

Inquieto sahi ao corredor, de palmatoria na mão.

Passos leves, subtis, de quem pretendesse escapulir-se despercebido, subiam os degraus, E, de chôfre, da meia escuridão da escada, esfarrapado, com o rosto em sangue, o fez ás tres pancadas, surgiu o negociante turco, de sapatos na mão.

—O que é?... O que foi? perguntei:

O turco ao ver-me estacou, com um sobresalto. Depois olhou-me com curiosidade, e por fim perguntou:

—E' hespanhol?...

—Não, senhor... Sou portuguez.

—Ah!

E affectuosamente, como um bom camarada, estendeu-me a mão.

—Portugal... sim, conheço... Republica, Magalhães Lima, jovens turcos, S. Luíz de Braga... *ce cher mansieur de Braga*... Conheço... conheço...

Depois em confidencia explicou:

—O que foi?... Eu lhe digo... O tenor italiano já ha dias que andava de birra commigo... Pegámo-nos... O bulgaro, que tinha um dente contra mim, metteu-se na dansa, e mais o montenegrino, e o servio e o grego... Foi bordoada de crear bicho... Eu já não podia mais... Pedi misericordia... A causa serenou um pouco, e, emfim, parecia que não haveria mais novidade de maior... Todos estavam concordes em que aquillo assim não podía continuar, que era um desasocego para os hospedes e um descredito para o hotel... O engenheiro francez fallou, e fallou bem, com elevação... O astronomo inglez tambem disse umas coisitas... O caixeiro viajante allemão tambem largou a sua piada... Emfim todos concordaram em que era indispensavel que aquellas scenas não tornassem a repetir-se... E então começaram a combinar mudar os logares na meza... Um ia para aqui, o outro ficava alli, aquelle passava para acolá... E tanto combinaram, tanto combinaram a melhor forma de haver paz... que acabaram por se engalfinhar uns nos outros... E agora lá estão no meio da rua á bordoada...

—E o senhor?

—Eu?... Eu vou para a janella ver a scena... Assim como assim, já sei que me poem lá para o fim da meza, para um cantinho, entre portas...

E como da rua subisse um ruído mais forte de gritos e de pancadas, o turco correu para a janella do corredor, olhou a rua, e acenando de lá, a chamar-me, gritou:

—Venha vêr!... Venha vêr!... Ena!... o que por lá vae!...

E esfregava as mãos de contente, o marôto!...

ANSELMO.

JOAQUIM LEITÃO

O DIARIO DOS VENCIDOS

1 VOLUME DE 300 PAGINAS

Á venda nas principaes livrarias

Carta de Lisboa

A manifestação que não chegou a resalisar-se, dos proprietarios e agricultores foi o acontecimento da semana. E tanto mais original quanto a tornou interessante uma intervenção estranha, poder de novo genero que não figura na constituição mas que blasona d'ella, que não pertence á politica mas que se não arreceia da sua repressão, que não dimana do Governo e que manda mais do que elle, poder secreto que se impõe apenas pelo terror e pelo achincalhamento, obedecendo a qualquer força invisivel, alheia a todos os poderes do Estado. Quinto poder se quizerem, que não figura ainda nos codigos, naturalmente pela rasão muito simples de que despresa todos.

Absurdo seria responsabilisar um Regimen pelos factos tristes que se deram segunda-feira, mas apesar das declarações do chefe do ministerio em resposta ao snr. Dr. Julio Monteiro, na Camara dos Deputados, ou talvez mesmo por cima d'essas declarações, é impossivel deixar de pedir a responsabilidade ao Governo. Podem ter sido muito boas as suas intenções, mas a verdade é que durante todo o dia e noute de segunda-feira, elle não esteve á altura da situação e se as ordens que deu eram correctas não foram obedecidas, e nos regimens parlamentares é ainda o Governo o responsavel unico da desobediencia dos seus subordinados.

No uso pleno do direito que lhe garante o artigo terceiro da Constituição Portugueza, uma classe qualquer resolve dirigir ás Camaras legislativas uma representação sobre qualquer assumpto de interesse publico. Fal-o correctamente e respeitosamente como é de obrigação entre pessoas bem educadas.

E para que se não julgue que essa representação traduz apenas o sentir dos seus promotores convidam estes os interessados e os adherentes a acompanhal-os ao Parlamento, n'uma manifestação pacifica e ordeira, como é proprio tambem de pessoas ponderadas e graves, que teem a consciencia dos seus deveres. Não era uma manifestação politica; e que o fosse, ainda deve estar bem lembrada a ampla tolerancia do governo de 1909 permittindo o cortejo publico que acompanhou ás Côrtes a junta Liberal! A tolerancia é a grande qualidade dos governos fortes e seguros! Não era uma manifestação com intuitos desordeiros; e que o fosse, lá estava a policia para os reprimir quando elles surgissem.

Era uma manifestação de forças vivas da nação, das classes conservadoras que mais de perto concorrem para o desenvolvimento e progresso do seu paiz, de trabalhadores incontestaveis, de patriotas provados, reunidos com um fim nobre, o de expor firme mas lealmente aos legisladores quaes as circumstancias em que se encontram, o que as actuaes leis lhes exigem, já em fórma tributaria, e as razões pelas quaes entendem não poder ir alem de um certo limite. Iam expor o que julgam justo, iam pedir o que é razoavel. O Parlamento acceitaria essa exposição, tomal-a-hia em consideração, estudaria o assumpto, compulsaria as razões della e as razões do governo, e feito esse estudo resolveria como entendesse!

Que mal adviria portanto ao governo, ás instituições, ao paiz da entrega d'essa representação? Acaso ella faria abalar o regimen? Não nos parece. Offenderia as chancellarias estrangeiras? Nem por sombras. Então que perigos haveria em permittir a manifestação, e mesmo em protegel-a contra qualquer espirito de revolta que ella podesse levantar por parte da demagogia feroz e fanatizada?

Disse o chefe do ministerio que as suas ordens foram nesse sentido e que não tendo sido cumpridas, ordenara um inquerito para apurar responsabilidades. Não basta. Hoje, todo o paiz que trabalha e que pensa, exige mais energia na manutenção da ordem, porque sem ordem não ha progresso, nem governo possivel.

A anarchia triumphou mais uma vez segunda-feira. Insultou e feriu homens honestos, riu-se da auctoridade, calcou aos pés a Constituição, e com a inconsciencia dos irresponsaveis ficou a trocar ainda dos que não se decidiram a sacrificar a segurança das suas vidas e o respeito dos seus nomes á furia odienta de umas poucas duzias de desordeiros.

RAUL.

Todas as noivas de bom gosto encomendam os seus enxovaes
NO
ATELIER DE ROUPA BRANCA
M. d'Aguiar Leitão
20—Praça da Batalha—22
(A entrada da rua de S.º Ildefonso)
PORTO

Entrevista
com
Maurice Leblanc

O creador de Arsène Lupin - Como enveredou o autôr pela literatura de imaginação. Como elle trabalha

Se o escriptor francês defende as suas horas de trabalho, como um banqueiro pôde defender o seu oiro, elle não defende com menos firmeza as suas horas de repouso.

Por isso, Maurice Leblanc recomendára, que não fosse a sua casa depois do meio-dia.

O escriptor sáe, passeia, desforra-se, numa tarde de liberdade, da sua manhã escravisada ao trabalho mais pesado e mais doloroso, com que o homem paga a violação do peccado original.

Antes do meio-dia estava em casa de Maurice Leblanc.

O creador de Arsène Lupin móra n'um ramal, em fundo de sacco, da *Rue de la Pompe*. A sua casa é dos mais formosos immoveis que ladeiam a ruasinha particular, baptisada—no registo civil—, com o nome de *Villa Herran*, que é afinal um agglomerado de *villas* elegantes; tem o n.º 85; cada uma das *villas* que compõem a *Herran* tem o seu numero; á direita, fundo é a n.º 14, habitada por Maurice Leblanc.

Uma galeria envidraçada, dominando um jardim apenas traçado, está peninsularmente afestoada de taboleiros pintados a verde, com vasos de flôres, á tradiccional móda minhôta. O raro sol d'essa manhã de novembro, aquelles taboleiros com vasos de flôres franjando as janellas, foram uma imprevista evocação dos *habitats* portuguêses. Ao lado do jardim fica a porta principal, de dois batentes.

A campainha é a de todas as casas particulares, mas retinindo, n'um pequeno atrio, dá um som sêcco, que me pareceu estranho; a creada que recebeu o meu cartão tinha um ar de mysterio, na sua acatadôra correcção; no pequeno atrio, ouvia-se falar ao telephone, e eu recordei involuntariamente a scena do *coup-de-telephone* da peça Arsène Lupin. Um creado escanhoado passou, em collête, um collête de phantasia, como o do proprio Arsène Lupin na famosa peça do *Athenée*. Não sei porque, tive a impressão de que me encontrava em casa de Arsène Lupin, e que ia ser objecto d'alguma das suas magicas partidas.

E! Havia é certo já ali, naquelle atrio, umas promessas de homem de letras: um cadeirão de sola hespanhol, um espelho antigo, com o dourado mordido, a attestar os seus annos, umas taças de ceramica. Entreviam-se tapêtes, havia uma temperatura aconchegada, mas... não era a casa do falso duque de Charmerace, dentro de cuja idnetidade se metêra Arsène Lupin, um interior elegante, com armarões flamengos, telephones, creadagem correcta?

E nesses minutos, vi-me em casa de Lupin.

As personagens celebres chegam a antepôr-se e confundir-se na nemoria dos leitores, com a personalidade do autôr. Assim como quem visita pela primeira vez um manicómio, pergunta a si mesmo, desconfiado, se a pessoa que se inculca director não será um doido, e se os que lhe mostra como alienados não serão o director e corpo clinico divertindo-se com o visitante, passou-me pela cabeça que Arsène Lupin, tão uzeiro e vezeiro, em se caracterisar de Guerchard, o famoso chefe de policia de Paris, iria tambem divertir-se á minha custa, fazendo-se passar por Maurice Leblanc.

Sim, eu vira ainda naquella manhã o retrato de Maurice Leblanc, na 3.ª pagina do *Excelsior*, encaixilhado numa critica literaria—acclamadôra—, do difficil *Ernest Charles*. Mas não conheciam, melhor do que eu Maurice Leblanc, os policias da *Sureté* o seu chefe Guerchard? e não conseguiu Lupin ordenar-lhes a prisão do verdadeiro Guerchard, fazendo, lhes crer que o autentico Guerchard era Lupin, mascarado de Guerchard?

Nada tranquillo, segui a creada que neste meio tempo, me viera buscar ao atrio, e me disse ao chegar ao patamar do primeiro andar:

—*Par lá, monsieur.*

Havia tres portas. Ouvia-se ainda uma voz ao telephone. Não se via ninguem. Para mim não havia já duvida: ahi devia haver elevadores com dois taboleiros, falsos, portas com móla, a magica montada para a vida de Lupin.

Atravessei o primeiro salão, e da outra sala veio a mim voz e a pessoa de Maurice Leblanc, que me levou para a sua officina:—um vasto quadrilatero, tapetado de azul, prolongado por outro parallelo e mais comprido, dando por a galeria envidraçada, com velarios amarellos, que eu antevira do exterior.

A mesa de trabalho imperio, solidas poltrónas, um vasto canapé, onde se poderia beijar á vontade o par de Rodin, do Luxembourg, e donde, nos recantos, e nos livros, tudo respira a sobriedade d'um quadro de mestre.

Nas costas d'uma cadeira, estava pousada a manta de lã, com que os sedentarios protegem as pernas, durante a tarefa. Encostado a uma pequena mesa redonda, uma só personagem, habitando esse discreto scenario.

Firmei-me bem na figura que tinha deante de mim: era um homem meão, construcção normanda, simplesmente vestido com um jaquetão de mescla, ainda em pantufas, a perna machinalmente cruzada a indicar o habito peculiar aos escriptores—que mal se sentam a uma meza apoiam o braço direito e descançam a perna esquerda sobre a direita—, um forte pescoço, um cabello loiro que se retirava respeitosamente da fronte, uma fronte larga, abobadada como um frontal romanico.

Era bem Maurice Leblanc.

Sob o seu bigodão, castanho claro, havia um meio-sorriso tão affeito a exprimir a ironia, como a complacencia. Quem me provava que não fosse Arsène Lupin a rir-se de mim? Pois se fôr Arsène Lupin, foi! Lupin sabe sempre, a fundo, a biographia das personagens em que se incarna; o que eu quero é saber como cria e como trabalha Maurice Leblanc; se em vez de o entrevistar a elle, houver entrevistado o rival de *Sherlock Holmes*, é um successo.

E lembora com esta duvida, sempre a batalhar-me na cabeça:—«Tu serás o Maurice Leblanc ou o Arsène Lupin?...»—, eu abri a entrevista.

Influencia de Pierre Laffite

—Eu comprehendo como se géra a obra de thése, e se realisa a obra de observação; mas embora, a sua obra contenha muita analyse, é a primeira vez que me avisto com um autôr de obras de imaginação, e confesso-lhe que esta pergunta salta-da maior curiosidade: como é que o snr. Maurice Leblanc cria os seus livros? Como foi attrahido para este genero de littteratura?

—Tem razão. Eu tambem me sentia muito intrigado com essa litteratura, quando nella comecei a trabalhar. Eu dedicava-me a obras de psycollogia...

—Lembro-me perfeitamente da sua peça *Pitié*, no theatro *Antoine*, da sua collaboração no *Gil Blas*, no *Figaro*, no *Journal*.

—Como meu cunhado Materlink...

—Que teve nos poetas da minha geração uma profunda influencia.

—... Eu proseguia a obra de litteratura pura, bellos sônhos d'arte. Um dia Pierre Laffite convidou-me a escrever um conto para o *Je Sais tout*, que elle ia então crear. Escrevi um conto: *Arsène Lupin*. Agradou. Laffite pediu-me uma continuação. Continuei. Laffite quiz um terceiro conto, escrevi terceiro conto, um volume outro volume e eis-me já no quinto ou sexto volume das aventuras de Arsène Lupin. A principio, esta litteratura aborrecia-me. E cheguei a dizer ao Laffite que não continuava, mas o Laffite de quem sou muito amigo...

—E' muito interessante!

—Ah! conhece-o?

—Já o entrevistei. E' uma figura muito curiosa, cheio de talento!

—Oh! é encantador! Pois o Laffite veio ter commigo: «Tu precisas de continuar Arsène Lupin; é uma personagem que está creada, não deves abandonal-a.» Disse-lhe que não. Mas fui passar o verão á minha casa da *Seine-Inférieure*, e quando voltei entreguei ao Laffite tres contos. Que quer? O publico gosta, o Laffite não me pede outra coisa, o *Journal* reclama Arsène Lupin, dou-lhes Arsène Lupin. Agora, divirto-me, acho interessante.

—E qual é o seu processo de trabalho?

—Trabalho todas as manhãs, duas horas, ali, na naquella galeria.

E, effectivamente, na galeriasinha, sobre uma meza onde mal caberia um açafate de costura, estavam ainda abertas e frescas as tiras d'essa manhã.

—E a sua imaginação presta-se docilmente todas as manhãs?

—De manhã escrevo, até ao meio-dia. Depois d'almoço saio, sempre para o Bosque de Bolonha, sempre, porque eu vivo em Paris, mas faço vida de campo. A' tarde, pelas cinco e meia, recôlho, refugio-me no meu quarto de trabalho, e passo lá duas horas, na escuridão. Não digo que pense continuamente em Arsène Lupin, mas penso muitas vezes. Mesmo, eu não poderia viver sem umas horas de recolhimento; é-me indispensavel alhear-me uns momentos d'este mundo. E é durante essas horas que a imaginação trabalha. De manhã, realiso.

—E' rapido na realisação?

—Não. Muito lento até. Emquanto o Découcelles poderá escrever quatrocentas ou quinhentas linhas por dia, eu não escrevo mais de cincoenta. E volto muita vez atraz, rasgo, inutiliso, corrijo. Tenho capitulos que escrevo tres e quatro vezes. Agora me succedeu isso com o *Bouchon de cristal* que está para apparecer: todo o trabalho do meu verão, foi abaixo, refeito desde outubro para cá.

—O que mais me intriga na sua obra é a logica; como consegue o senhor ser logico na imaginação?

—Logico... é um modo de dizer. Não ha logica em coisa alguma.

—Nem mesmo na vida.

—Logica só a ha no jôgo dos dados. Na obra de imaginação ha uma logica apparente. Se quizer, eu mostro-lhe em qualquer capitulo de Conan Doyle dois ou tres êrros de logica. Quando eu traço um capitulo, não sei senão a scena donde parto, e o resultado a que eu quero chegar. E' como um theorêma de geometria que se demonstra de varias maneiras. Nunca sei os atalhos que me levarão ao meu resultado. Escripta a minha primeira scena, que trato de envolver o mais possivel em mysterio, pônho-me a caminho; e ás vezes não sou eu o menos surprehendido perante o caminho que percorri, para chegar ao fim... Não ha logica, o que ha... é talento. Se se tem talento, o leitor segue-nos.

E' num comentario, que é um resumo:

—E' interessante este trabalho. A mim diverte-me! (*accrescentou Maurice Leblanc; e encolhendo os hombros*): certamente eu desejava fazer outras coisas.

—E não as fará? Fixa-se n'este género?

—Quem sabe?! Nós atravessamos uma hora de crise e de incerteza, para o romance. Não ha romances, hoje. De vez em quando, luz um romance, a *Aphrodite*, por exemplo. Mas é um clarão, que brilha e se sôme, sem se lhe seguirem outros, de modo que a continuidade deixe na retina um rastro luminoso. E, depois, o que é o romance, a effabulação psycollogica ou social, ao lado d'esta guerra dos Balkans! Qual é a creação de romancista, que se possa bater com este formidavel imprevisto dos Balkans?

—Sim, nenhum, nem mesmo os autôres de imaginação.

E, sobre essa evocação do vulcão balkanico cuja lava parece ter sepultado a Turquia da Europa e arremessado para os mappas com uma nova potencia, que é a liga dos povos balkanicos, encaminhámo-nos para a galeria.

—As suas janellas fizeram-me lembrar Portugal!

—Ah! sim? eu copiei isto de Londres.

—Mas não suppônha que é inglês. Janellas adornadas com flores ha-as desde Alexandria ás fachadas flamengas. Mas este verde com que pintou os seus taboleiros é que o encontro nos povos meridionaes. Lembro-me que encontrei n'um pequeno lugar, proximo de Postdam (Berlim) um renque de casas, com as portas e caixilhos das janellas pintados a verde. Perguntei a razão d'aquella nota ardente, excepcional, na tristeza de lenda, com que a Germania pinta as suas madeiras. Explicaram-me: fôra uma colonia de meridionaes que ali se estabelecêra no tempo de Frederico, o Grande.

—E' curioso! Eu sabia que não era britannico, mas imaginei que fosse só hespanhol.

—Pois é português, é da minha terra, onde o homem é alegre na casa e na canção.

Maurice Leblanc pegou no chapéo, convidou-me a pôr tambem o meu chapéo, e descemos pelo jardim, a visitar a casa.

—E' uma casa velha que nós estamos adaptando conforme é possivel.

—Como tudo, na sua casa, lembra o meu paiz. Esta sala de jantar, com o seu relogio de pêsos, as suas pratas, o seu longo silencio, a veneração dos seus moveis austeros, é senhorialmente portuguêsa. Não é Pariz, é um solar. Nunca esteve em Portugal?

—Nunca! Conheci um português muito interessante, muito intelligente, com quem convivi na Suissa, e cuja esposa foi encantadora com minha mulher. Era um homem politico, primeiro ministro, morreu pouco depois.

—Era o Hintze Ribeiro?

—Exactamente.

—Pois, vá a Portugal. Vejo que gosta de antiguidades, lá poderá admirar valiosos mobiliarios.

—Gosto muito. A minha casa ainda não está prompta. Eu queria uma fonte; não a sabida fonte de pedra velha, qualquer coisa muito simples em ceramica, mas não sei a quem me hei-de dirigir para isso em Paris.

Foi com esta ambição de Maurice Leblanc, que eu vim acompanhado todo o caminho para minha casa.

Ahi está o que é o homem!

Quer trabalhar, crear, compor? exige silencio. Se lh'o não dão, lamenta-se, queixa-se, protesta, é desgraçado.

Enriquece. Adquire uma casa, n'uma rua onde não passam *autôbus*, tem emfim o seu almejado silencio. E o que faz esse homem? Esse homem faz-se infeliz, desejando, ambicionando, clamando por uma fonte, que lhe conte em voz alta os segundos, com as bicas d'agua batendo na taça, ou com meia duzia de canarios descompondo-se de gaióla para gaióla, como maus visinhos. Esse homem que ambicionou silencio, ambicionava agora um murmurio de fonte, o sussuro, que é—a meu ver—muito mais incommodo do que o franco rumor d'uma cidade, que vae ao seu trabalho e aos seus prazeres.

J. L.

Defesa nacional

I

Dormem nos seus caixões de pinho um somno, já agora eterno, os *aeroplanos* de casquinha e panno cru, com cujo mergulho se nos tornou forçoso renunciar, por emquanto, ao dominio dos ares, visto não serem valedoiros os direitos, meramente espirituaes, de quem, aliás, poderia allegar que pelos ares trazemos nós todos a cabeça ha mais de dois annos, sem qualquer interrupção de posse.

De navios, segundo os mais auctorisados depoimentos, resta-nos um, em estado de servir. Mas deve entender-se que se encontra em estado de servir, emquanto effectivamente não fôr chamado a desempenhar algum serviço; pois como é sabido, em virtude das circumstancias de disciplina, em que actualmente se faz a navegação militar em Portugal, cada navio de guerra, assim que se mexe, o menos que lhe acontece é ficar arrombado para tres annos, se acaso não vira de todo em todo os mastros para o sitio onde os outros costumam ter a quilha.

Emquanto ao exercito de terra — e sem falarmos sequer na quasi absoluta carencia de material de todas as especies — força é confessar que nem todo o prestigio e auctoridade moral do sr. ministro da guerra, nem toda a competencia profissional e a austera imparcialidade dos rapazes, de quem aquelle brioso official se rodeou, teem conseguido restituir á familia militar aquella disciplina que, ao menos apparentemente, a caracterisava nos ultimos tempos da Monarchia e que, como era de prever, se subverteu n'uma revolução feita contra a officialidade, por uma conjura de soldados, com elementos mais ou menos propriamente chamados populares.

Toscamente esboçado n'estas breves linhas o quadro dos elementos da defeza nacional, constatamos que nem por isso o inexhaurivel patriotismo dos governantes, e o dos simples cidadãos, se entibiam perante o alto e arrojado pensamento, que já agora parece traduzir uma deliberação assente, de fazer de Portugal, em prazo breve, uma potencia militar de primeirissima, que por ventura, no mui provavel caso d'uma conflagração europeia, possa, como a França da Revolução, ir impôr pelas armas ao velho mundo estes principios de liberdade e fraternidade, cuja efficiencia todos nós estamos gozando, desde o Peso da Regua até á foz do Douro, e cujas delicias na verdade, bem pensadas as coisas, não temos o direito de guardar só para nós, n'um ferocissimo egoismo, que a humanidade porvindoura nunca saberia perdoar-nos.

Por isso o sr. ministro da Marinha lá mandou agora á Italia buscar o *Espadarte*, engenho temeroso de guerra submarina, que não sei se lhes diga nem lhes conte que vão essas Europas vêr uma bruxa com elle; por isso a imprensa de grande circulação continúa diariamente adiccionando, n'uma infelizmente incomprehensivel conta d'escudos e centavos, parcellas sempre novas á grande subscripção nacional para a compra de novos *peixes-voadores*, destinados, como os outros, á mesma vida curta dos do padre Antonio Vieira; por isso o sr. ministro das Finanças, no seu recente e (sem favor) sensacional relatorio á camara dos Deputados, depois de declarar que não ha meio-centavo para mandar cantar um cego, nem conhece maneira d'augmentar as receitas d'um Estado a não ser pelo imposto ou pelo emprestimo, deu ao paiz, a grata nova de que uma grande parte dos impostos, que a joven Republica se propõe arrancar á sua inexcedivel miseria, se destinam, em boa parte a adquirir canhões, espingardas, munições, navios de todos os typos, em quantidade capaz de darmos agua pela barba ao mais pintado em materia d'aprestos guerreiros; por isso emfim, a imprensa mais caracterisadamente affecta ao regimen democratico, que felizmente nos rege, toca todas as manhãs a sineta para levar ao animo do commerciante, que não faz negocio, do industrial, cujas fabricas fecharam, do proprietario, que por falta de capital para culturi deixa maninhas as terras, do operario e do cavador, reduzidos a alimentar-se com um pão e uma cebolla em cada dia — que tudo isto o que precisa, para se salvar, é de novos tributos, e que o producto d'esses tributos irá direitinho, sem lhe faltar um ceitil, ser escrupulosamente applicado na defesa nacional, tenham embora que ficar a pão e laranja os srs. senadores e deputados e toda a sympathica cohorte de revolucionarios medonhos, premiados com os mais phantasiosos cargos publicos, pela circumstancia de terem estado no dia 5 d'outubro mais ou menos afastados da Rotunda.

Deus me livrára a mim — misero verme da tropa, humilissimo major, n'um tempo, em que os majores só teem abaixo de si o tenente-coronel, o coronel e o general — de pretender vir lançar n'este côro heroico, n'este côro confiante nos destinos guerreiros e imperialistas da joven Republica Portugueza, uma nota sceptica e pessimista.

Devo mesmo declarar que o problema militar portuguez tem consumido alguns tempos d'estudo na minha vida, que já não é das mais curtas, embora esse estudo, effectuado em tempo de mais moderadas ambições publicas, se limitasse a considerar a questão pelo aspecto comesinho, e hoje evidentemente insignificante, da mera *defeza nacional*.

Mas, sem me botar fóra dos geraes anhelos por um renovamento da era das Conquistas e da Navegação, agora já não apenas maritima, senão que tambem aerea e submarina, confessarei comtudo, sr. Redactor, sem receio de ser immodesto, que por vezes, ao escutar no meu quartel ou nas grandes solemnidades militares os duros tornelos entre o nobre ministro da Guerra e o meu cabo quarteleiro, sob a fórma de patrioticos, enthusiasticos e scientificos discursos atinentes á missão conquistadora da nossa joven Republica e á questão da sua hegemonia na Europa — ao meu pobre e rude espirito surgem estas duvidas e objecções. Não as formulo nem intervenho, por natural acanhamento, como v. comprehenderá, perante aquellas summidades militares.

Mas nem por isso essas duvidas deixam de me atanazar a consciencia. E uma d'ellas é a que se segue.

Supponhamos, sr. Redactor, que já temos todo esse material de guerra maritima, terrestre e aerea, para o qual os poderes publicos e a imprensa pedem á compita escudos, que pela medida velha se exprimiam em algumas dezenas de milhares de contos. Supponhamos que já temos esses canhões, esses comboios de munições e de armas, esses navios de guerra capazes de defrontar e fazer em fanicos os mais poderosos coiraçados do mundo. Imaginemos que os aeroplanos já teem outra vez azas, e vôam; imaginemos que já chegou d'Italia o *Espadarte*.

Pergunto eu: onde é que estão os soldados?

Fazer soldados, sr. Redactor, é (ainda que o não pareça) muito mais difficil, do que fabricar couraçados e canhões.

A qualquer se pôde pôr sobre os hombros uma farda e metter-lhe nas mãos uma espingarda: mas para que o individuo assim armado e equipado seja *um soldado* não basta isto, nem basta instruil-o militarmente, nem basta mesmo incutir-lhe a disciplina, o que aliás (me quer parecer) não tem constituido a preoccupação mais absorvente da nossa joven Republica. E' preciso, além de tudo e acima de tudo, que este homem sinta lá dentro uma coisa, que no momento do combate o faz crispar os dedos no gatilho aperrado e o atira para a frente nas cargas e nos assaltos, sem pensar tres vezes, nem meia vez, nos perigos que está arrostando, ou se vale a pena d'arrostal-os.

Essa coisa, que faz a bravura, cria os heroes e se chama *a decisão de morrer pela Patria*, é um producto de factores psychologicos e sociaes. Colhe-se do meio familiar, do meio religioso, e dos espectaculos, das doutrinas e dos sentimentos dominantes na collectividade nacional. Exige como elementos essenciaes o *sentimento* e a *ideia* de Patria, que é coisa muito complexa mas, em todo o caso, indestructivelmente ligada a certas impressões, a certos interesses, a certas realidades muito tangiveis.

Nem todo o Estado é uma Patria. Não ha Patria, onde a solidariedade, ou pelo menos as affinidades entre os cidadãos são substituidas pela desconfiança e pelo odio; não ha Patria onde não ha familia solida; não ha Patria onde não ha o dito e redito *campanario da nossa aldeia*, que vem a ser a representação material d'um sentimento commum a todos os homens normaes e muito mais arraigado nas camadas populares: o sentimento religioso; não ha Patria onde a alegria cedeu logar a um taciturno desalento e a um vago pavor do futuro, conscientes n'uns, bebidos por outros no proprio ar que respiram; não ha Patria onde impera o terror sanguinario d'uma minoria por todos os titulos execravel: não ha Patria onde não ha pão. E onde não ha uma Patria, é intuitivo que não póde haver soldados dispostos a morrer por ella.

E' sob estes pontos de vista, sr. Redactor, que eu analysarei n'um outro artigo, se V. m'o permitir, o nosso problema militar e a influencia da obra da Republica na questão da defeza nacional.

UM MAJOR TRIPEIRO.

Á IMPRENSA

Aos nossos collegas da imprensa, que teem noticiado o apparecimento, d'este semanario agradecemos penhorados as suas referencias, mesmo aos que não animam a nossa iniciativa, visto terem sido cortezes nas suas apreciações — fineza que tomamos na devida consideração.

Ao nosso prezado collega "A Nação„ agradecemos ter reproduzido o nosso "suelto„ "outros tempos... os mesmos costumes„.

Outros tempos... os mesmos homens

De vez em quando, no Paço da Necessidades annunciava-se um autôr que pedia uma audiencia a El-Rei D. Carlos.

Debaixo do braço, um volume encadernado em pergaminho, atado com fitinhas azues e brancas.

Era o autôr que ia offerecer o exemplar da sua ultima obra ao Monarcha.

Morreu El-Rei D. Carlos.

No Paço das Necessidades annunciou-se esse autôr, muito afflito, muito empestado, muito indignado pelo regicidio, muito magoado, muito saudoso.

Oh! ninguem como elle sentia aquella falta! Era amigo do Senhor D. Carlos, um leal amigo! um inconsolavel amigo!

E commovidamente exprimiu um enternecido pedido.

Que dissesse o que queria.

Queria uma recordaçãosinha d'El-Rei, do seu querido Rei, do seu querido e chorado Rei. Um nada, uma insignificancia, uma simples recordação.

Levaram o inconsolavel autôr á galeria d'El-Rei D. Carlos, e disseram lhe:

—Escôlha o que quizer.

Elle escolheu uma téla d'El-Rei D. Carlos, e mais uma vez se commoveu, chorou a horrorosa morte do seu amado Rei. E, já se sabe, levou a téla para casa.

Esse admirador e amigo d'El-Rei D. Carlos era... o sr. coronel Abel Botelho, actual ministro da Republica Portugueza na Argentina.

Chronica do theatro

NAS PRIMEIRAS

Sá da Bandeira

Com o cortejo sinistro da Tempestade chega o inverno, o arauto presagista do aborrecimento.

A lethargia profunda das suas noites extensas, cria um ambiente melancólico, onde o Tedio nas rodêa, emquanto escutamos essas canções de uma dôr muda, que o macadam das ruas desertas solta, vergastado por continuos lategos de agua.

Cahindo n'uma persistencia enfadonha, a chuva morrinhenta, traz-nos dos dominios das Illusões, um turbilhão de chimericos pensamentos, que o Tedio vai gravando na nostalgia da nossa alma...

E mal se anteveem no horizonte ameaçador com os seus tons de chumbo, os inicios de invernia, o Porto no seu labutar activo, sentindo uns começos de horror, perpara-se para entrar na friorenta estação.

Tudo se reanima. Sobre as monstras dos bons estabelecimentos a rainha caprichosa da Elegancia, a Moda, lança, n'uma antotrocracia chic, uma nova avalanche de modelos, em recortes de linhas sensuaes, a tentar essas mimozas Evas, encantadoras e garridas, no doce conforto das suas meigas pelisses, acariciando-lhe as faces bellas.

As emprezas theatraes, preparam os seus elencos e reportorios, pela trombeta estridente do reclame, esperançosas que o publico lhes encha com frequencia os seus espectaculos, levado pelas promessas tentadoras de uma futura epoca cheia de novidade e arte. As casas de espectaculo abrem as suas portas e a epocha começa.

Protestava-se antigamente na Invicta cidade contra os empresarios, alegando que estes deixavam permanecer os nossos theatros no mais completo abandono pela arte de Talma, que dia a dia na sua constante desnacionalização, caminha para o abismo do desprezo.

Todo o Porto, emquanto descançava da sua vida cheia de labuta, entretinha-se a barafustar, lançando brados de protesto contra os pobres emprezarios. Actualmente essas tradições que impediam, que qualquer iniciativa de genero theatral se erguesse, terminaram, e na presente epoca o Porto diverte-se com quatro theatros, e varios cynematographos.

Começando esta despretenciosa chronica de theatro, pelo Sá da Bandeira vejamos rapidamente o seu inicio da presente epocha.

A' ribalta desse theatro surgiu em primeiro logar, n'um limitadissimo numero de recitas, pois que o Porto não gosta de abuzos, Max Linder o rei da gargalhada, o heroe dos ecrans cynematographicos, que tu leitor amigo, esperas com anciedade ver surgir durante as sessões para que com os seus esgares, com seus trucs de clown elegante, com a sua arte de fazer rir os outros, te faça esquecer por alguns minutos essas tristes desillusões que o Tempo, na sua marcha constante atravez da vida te tem trazido, na mais dura das realidades.

E acompanhar o riso franco de Napiwskonska, essa deuza que o Olimpia, na sua adoração pelo Bello, aplaude em fremitos de apotheose, mostrou-nos, bem pequena foi, uma scentelha da sua adoravel arte choreografica, um interessante *ballet* grego.

Em seguida a rainha da Dôr humana, Mimi Aguglia, colocada no seu throno de gloria, recebe do publico do Porto, seu vassalo o tributo devido a seu talento.

Mimi Aguglia é uma das interpretes ideaes do moderno theatro dramatico, que tem em Duze, Sarah Bernhardt, Vitaliani e outros celebridades, a coroação do seu alto valor social.

Naquelle pequenino ser nervozo, incarna-se a emoção mais pura o mais alto sentimento artistico de actriz moderna

As suas creações, attingindo um elevado grau de sentimentalismo, são exemplos vivos de todas essas almas torturadas que a Dôr envenenou, luctando nas mais dolorosas convulsões do Amôr.

O seu adoravel talento fica nitidamente definido, pela difficilima psicologia de todas as suas creações, entre ellas estas tres, com sentimentos inteiramente diferentes *Dama das Camelias*, *Cene del Beffe* e *Malias*.

E na interpretação destes dois diferentissimos espirito de mulher e na travesti da *Beffe* ella é sempre a grande tragica, que a Italia profetizou, para ser no futuro a filha da sua arte sonhadora.

Depois de um pequeno intervalo, Mimi Aguglia, voltou novamente ao Porto, e mostrou-nos duas adoraveis joias do seu talento de atriz, interpretando a *Gigliola e La fiaccola sotto il moggio* de Annunzio e *Il ladro* de Bernstein. As duas protogonistas são inteiramente diferentes. A Gigliola é uma rapariga obsecada pela idea de vingança, idea que a morte da mãe, assassinada por outra mulher, que pretendia occupar o seu logar no seio da familia, faz nascer, terrivel e constante.

Aguglia atingiu no seu trabalho a mais completa homogenidade, atravessando toda a sombria tragedia de Annunzio, firme e sem o mais pequeno fracasso artistico. Foi altiva e firme na resolução da sua vingança, que seus irmãos clamavam. O resto do desempenho conservou-se equilibrado, em relação talento da grande artista. Picasso e Campe satisfazeram-nos. Na segunda peça *O ladrão*, posto que Mimi, nos desse scenas magistraes como toda a do segundo acto, o seu trabalho resentiu-se alguma coisa das suas anteriores criações. Bem sabemos quão difficilima é a interpretação correcta das peças d'esse dramaturgo francez, pois no dizer de Claude Marx le theatre s'est offert a lui comme une tribune d'ou Pou peut dompter les hommes».

O theatro de Henry Bernstiei, já pela difficilima psicologia dos seus personagens, já pela alta dramatização, das suas acções, torna-se actualmente ao pé do theatro de Bataille, Bourget e outros dramaturgos analogos, um dos que mais difficuldades apresenta, para um desempenho correcto.

A lucta constante d'essa mulher, amando em extremo seu espozo para que o seu amor se conserve sempre limpido e inalteravel, é no «Ladrão» um trabalho cheio de espinhos, que Mimi Aguglia realisou em parte. No entanto durante todo o segundo acto, em que ella confessa ao marido, o seu sonho com o unico fim, de se apresentar sempre bella e elegante ante aquelle que perdidamente ama, attingiu a verdadeira correcção.

Mas o espaço escasseia-nos e por isso terminamos tributando a essa fada da Arte, que a esta hora caminha triumfante atravez do «Successo», as nossas humenagens almejando não ser esta a ultima vez, que a distinta tragica se lembre de nos vir extasiar ante a luz adoravel do seu talento.

CARTAZ

Sá da Bandeira—Todas as noites o gande successo *A Dama Roza*.

Carlos Alberto—Tudo canta *Cócórócó*. Emprezarios, artistas etc. O dinheiro na bilheteira não tilinta por ser de papel; se fosse oiro — era um encanto ouvil-o soar dentro do cofre...

Aguia d'Ouro—Espera-se pela nova revista *Deixa correr*, que promette fazer epocha.

Passos Manoel—Todas as noites explendidas sessões e peças de Grand Guinol.

Pathé—Sessões todas as noites e bellas fitas cynematographicas.

Olympia—*Peço a Palavra* a caminho das 200 representações. Sempre enchentes.

SEMANA MUNDANA

Familia Real

—Regressa esta semana a Richmond, Sua Magestade El-Rei que, como os jornaes noticiaram, tem andado em viagem pela Europa.

—Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia regressou já a Richmond, depois da sua viagem á Suissa e á França.

Sua Magestade que esteve alguns dias doente com um ataque de *grippe*, acha-se já completamente restabelecida.

—Sua Alteza Real, o Senhor D. Affonso, que passou em Richmond o mez de Novembro, seguiu de Inglaterra para Paris, onde se demorou alguns dias, partindo depois para Italia, onde está actualmente.

Aspectos

O sol,—este alegre sol de Portugal, acordára brilhante e vivo e, elegantemente, com a diplomatica percepção do que seria improprio surgir em pleno inverno, de toilette primaveril, mandara á rua, sem se apressar, ahi pelas 2 ou 3 da tarde, uma duzia de claros raios, pallidos e frios, mas de toda a maneira delicados e cortezes.

E accedendo ao convite, eis-nos seguindo pela rua do Ouro apressadamente, procurando, como bom janota lisboêta, dar uma apparencia preocupada de negocios ao simples passeio que nos offereciamos.

Entretanto, o nosso dever de chronistas mantinha-nos alérta, procurando o eterno *assumpto*, ao examinar disfarçadamente quem crusavamos.

Enfim! Pela altura do *Rendez-vous* é a nossa attenção irresistivelmente despertada por um par que, juncto ao trottoir, tão animadamente conversava que, por um momento, a humanidade inteira estaria bem esquecida d'ambos elles.

Duas figuras interessantes e bem pouco banaes, isso sem duvida alguma.

Elle fallava-lhe firmemente, com uma estranha firmesa na voz como se, a cada phrase, vencesse um irresistivel desejo de fraqueza, de humildade, que o deixasse a murmurar apenas, perdidamente, palavras d'amôr, por esse claro sol de inverno lisboeta.

Ella, adoravel nos seus vinte annos em flôr e no requintado chic da sua toilette, ouvia-o magnetisada, com um vago mêdo no lindo olhar, como se o estivesse vendo bater-se por amôr d'ella, com não sei que imaginaveis inimigos. E de subito, a chave do enigma (pelo menos considerei-a então como tal) foi-me revelada por umas palavras que alcançaram a *montra*, que eu fingia analysar curiosamente: «Vou para o Rio de Janeiro e depois...»

Irresistivelmente voltei-me; e então saborecí por momentos essa indizivel sensação do psychologo que, em plena rua, consegue reconstituir uma tragedia ou personagem que, para os que passam, nada apresenta d'anormal e de curioso.

Que de lagrimas visivelmente contidas, que de sacrificio, de desillusões e de esperanças para sempre perdidas, conteriam aquellas palavras!

«*O Rio de Janeiro... e depois...*»

E depois, quem sabe?! A lucta amarga do pão, a consciencia da mocidade, que foge a cada hora, e a saudade dolorosa d'aquella mulher que o escutára enlevado, lá longe, em Lisboa, n'essa linda tarde em que, juncto ao *Rendez-vous*, o sol de inverno os illuminára cortezmente!...

. . . . . .

De lá de baixo, do Terreiro do Paço, um electrico despontára sob o arco e corria pressuroso rua fóra, como perseguindo sobre os *rails* a sua propria sombra que fugia, fugia, indefinidamente...

Elles deram-se um aperto de mão em silencio, em que adivinhámos a suprema dôr que lhes iria n'alma... E emquanto ella seguia pelo trottoir, ligeirinha e gracil, elle tomára melancólicamente o electrico, que parára e cujo conductor, a uma pergunta anciosa d'uma velhinha triste, respondêra «*Rio de Janeiro*, no tom de voz em que por tantos annos diria «*Principe Real*», como se n'essa indicação, dita assim tão simplesmente, não fizesse desabar, n'um pavoroso ridiculo, toda a nossa pretenção a psychologo...

SEMANA ELEGANTE

Ha dias, ao voltar a casa, encontrei, sobre a minha mêsa de trabalho, uma carta do director d'«O Correio» convidando-me a entregar na tipografia o original que já tivesse prompto para esta secção. Colheu-me de surpreza esta carta porque nada tinha feito e nada tinha pensado fazer tão cêdo. Mas nos grandes momentos é que se conhecem os homens; senti-me á mêsa, abri a tampa do tinteiro, peguei na penna e no papel e... parei sem saber o que havia de dizer, nem o que havia de fazer. Encontrava-me a braços com esta grandissima empreza, grandissima para quem, como eu, nunca soube escrever senão cartas aos amigos; essa grandissima empreza é nada mais, nada menos, que dirigir n'um *semanario a secção elegante;* Vossas Excellencias não calculam o que isto é; mas eu vou contar-lhes a minha desdita e prepara-los para me perdoarem o arrojo de aceitar este encargo.

«O Correio» publica-se no Porto, e uma vez cada semana; é verdade que a *vida elegante* no Porto mais se póderia chamar a *morte elegante*, porque: bailes no Club houve, mas já não ha; patinagem houve, mas já não ha; Bessa houve, mas já não ha; soirées na Foz houve, mas já não ha; emfim, a elegante portuense passa a sua vida entre os sabados no Passos Manuel e um concerto ou outro, lá de três em três meses, no Orfeon Portuense. Desta fórma ser-me-hia facil fazer da minha secção um relato de noticias da primeira sociedade do Porto, conseguindo mudar os sabados para sextas, e escrever os nomes de quem fosse ao Passos Manuel; mas, o que aconteceria? Ir o nosso semanario para Lisbôa, onde as elegantes o atirariam impiedosamente para o lado n'um desdenhoso gesto, que significaria «Tripeiros!»—Desisti seguir este rumo. Voltei as minhas vistas para Lisbôa; alli sim, alli ainda ha uns rendez-vous elegantes concorridissimos, é um meio muito maior, ha sempre noticias frescas; e tudo isto pensei julgando possivel dedicar a minha secção a Lisbôa, sem me lembrar que, quando «O Correio» désse a noticia de um nascido, já a «Nação» e o «Dia» o dariam por baptisado e com buço a despontar; o «Correio» é semanario e aquelles são diarios; além d'isso, eu que, não vivo em Lisbôa, como posso dizer coisas de Lisboa? Roubar ao Bello e ao Trigueiros? Mas, tambem, o que aconteceria? Ir o nosso semanario têr ás casas da primeira sociedade do Porto, e ahi ser atirado impiedosamente para o lado n'um desdenhoso gesto, que significaria «Alfacinhas»!

E assim fiquei, sem saber para que lado me hei-de voltar. Decidi pois o seguinte: fazer o balanço (homenagem ao Porto commercial) dos rendez-vous, das partidas e chegadas, dos casamentos, dos nascimentos elegantes durante a semana; e acompanhar isto com perfis de meninas e rapazes da primeira sociedade de Lisbôa e Porto; com concursos, (seja do que fôr, menos de belleza!!), com contos sobre coisas antigas, dos tempos que já lá vão e não voltam, com impressões de viagem, etc. etc.

Assim terá a *Semana elegante* leitoras em todas as edades; desde a avósinha que morre por ouvir lêr coisas antigas, até á pequena que morre por divertir-se. Fica assim decidido? Aprovam? Bem; então começaremos hoje mesmo.

Perfil

Pelo seu extraordinario talento, pela sua belleza e por viver, ora no Porto, ora em Lisbôa, tem jus a ser a primeira a honrar a nossa secção. Quando ainda hoje leio nos jornaes o seu nome, recordo com saudade esses tempos em que Ella, entre o côro de louvores dos artistas de profissão, illuminava as récitas de caridade em D. Maria com a sua divina arte que, a todos nos entontecia e nos fazia ajoelhar. Fui o mais obscuro dos seus companheiros e, nos momentos de fraqueza, era Ella quem nos animava a todos, quem nos distrahia com a sua interessantissima conversa. Morena, com uns lindos olhos que fallam, atravessa os salões de Lisbôa e Porto entre as homenagens de todos, e a amisade e respeito dos que a conhecem. Hoje noiva e amanhã casada, será sempre a mesma linda mulher, a mesma artista de raça, a mesma bella alma.

Um pouco de tudo

—Está marcado para a primeira quinzena de janeiro o casamento da Senhora D. Maria Ritta de Brito (Ermida) com o sr. Eduardo Mendes d'Oliveira.

—Teve a sua délivrance a senhora D. Maria José Pereira da Cunha de Menezes, esposa do sr. Bernardo Meyrelles.

—Está no Porto de visita a seus primos a senhora D. Sophia de Meyrelles e Vasconcellos.

—Casa-se hoje em Coimbra, a senhora D. Conceição Cabral Parreira Infante de La-Cerda com o snr. Dr. Nicolau de Mendonça Falcão de Amaral, nosso querido amigo.

—Realisou-se domingo passado o casamento da senhora D. Amelia Morales de los Rios com o nosso amigo e distincto engenheiro snr. Octavio da Silva Leitão.

—Teve a sua délivrance a senhora D. Maria Rebello Valente Cabral, esposa do distincto engenheiro snr. Luiz Wanzeller Cabral.

—Parte na proxima terça-feira para o Funchal o nosso amigo Antonio Bernardo Ferreira Junior.

—Partiu para Madrid dirigindo-se em seguida para S. Jean de Luz, o nosso querido collega e amigo Snr. Antonio Paes de Sande e Castro.

—No proximo numero publicaremos uma crónica de Madrid.

—Falla-se: em mudar para as segundas-feiras o rendez-vous elegante no Passos Manuel; e em que no meiado d'este mês começará a haver patinagem no referido local.

Passos Manuel

No sabbado passado, elegantissima a sessão da moda.

Notámos as senhoras:

Condessa da Taboeira e sobrinhas D. Arcelina e D. Maria Thereza, Viscondessa da Ermida e filhas D. Lucrecia e D. Maria Ritta, D. Maria Amélia de Magalhães (Gandara), D. Joaquina Avillez, D. Maria Francisca Avillez, D. Maria dos Prazeres Palma de Vilhena e filha D. Maria Claudia, D. Maria Mexia (Pombeiro), D. Sophia de Meyrelles, D. Maria Luiza Aragão, D. Ascensão e D. Julia Taveira de Menezes, D. Margarida Pinto de Mesquita, D. Elsa Mendes Correia, D. Bertha Rego, D. Izabel e D. Helena de Magalhães Basto, D. Maria de Oliveira e filha D. Maria Henriqueta e M.elles Bessa Pinto.

Orpheon Portuense

Muito distincta a assistencia ao concerto realisado na quarta feira ultima.

Vimos as senhoras:

Condessa da Taboeira e sobrinhas, D. Arcelina e D. Maria Thereza, D. Julia de Figueiredo Cabral, D. Felismina Ayres de Gouvêa, D. Maria e D. Thereza Ayres de Gouvêa Allen (Villar d'Allen), D. Eliza Lima, D. Helena Castro Silva e irmã, D. Julia Serpa, D. Amelia Viterbo, D. Maria Luiza e D. Eugenia Woodhouse D. Maria Claudia Palma de Vilhena, M.elles Bessa Pinto, Brederode, Mourões, Lopes Corrêas.

E os snrs.

Drs. Antonio e Leopoldo Mourão, Alvaro e Alberto Ayres de Gouvêa, Joaquim Allen (Villar d'Allen), Dr. Luiz e Francisco de Figueiredo Cabral, Miguel Palma de Vilhena Antonio Bernardo Ferreira, Carlos Lima, Fernando de Brito (Ermida).

Plebiscito

No proximo numero iniciaremos um interessante plebiscito, que despertará a attenção das nossas gentis leitoras.

FOLHETIM D'O CORREIO

A CHICA

A CHICA NA REVOLUÇÃO

Eu creio já ter dito algures que todas as noites ia fallar á Chica, ahi pela uma, uma e meia, depois d'ella recolher do theatro ou de ter passado a noite em casa de alguma familia amiga.

Era já sabido. Ella chegava a casa, tirava o espartilho, enfiava um roupão e vinha cá para baixo, para a casa de jantar no *rez-du-chaussée*. Ahi pela uma e tal chegava eu, quasi sempre, a tremer de frio e a cahir de somno. Passava, tossia, parava mais adeante, voltava para traz, arrastava a bengala pelo chão, tornava a tossir.

Por fim a Chica entreabria a janella, eu aproximava-me, e logo me pasava o somno e o frio.

Não sei que diacho tinha aquella rapariga comsigo que, logo que eu me via encostado á janella com as suas lindas mãos entre as minhas, o somno desapparecia e o frio... aquecia.

Diacho de rapariga!

Era pois certo todas as noites. A' uma e tal lá estava eu e lá estava a Chica, lá estavamos ambos, emfim, no silencio da rua deserta, tagarelando a meia voz palavras de amor... De amor?... De amor é modo de dizer, porque a verdade é que eu nunca percebi muito bem porque era preciso que estivessemos acordados até que horas da noite, ao relento, para afinal estarmos alli a dizer, um ao outro, o que não fazia mal nenhum que dissessemos em qualquer parte, a horas rasoaveis e deante de toda a gente.

Mas a Chica queria, e quando a Chica queria uma cousa, era como a carbonaria na Republica... havia de ser, ainda que se acabasse o mundo.

E para alli estavamos os dois até que horas, a dar tratos á imaginação para aguentar a conversa.

Ella começava por me contar tudo que fizera durante o dia. Depois tinha eu que lhe contar o emprego do meu tempo. Depois fallavamos do que ella faria no dia seguinte. Depois dizia eu e que tencionava fazer. Depois... depois eu começava a dizer mal da tia. Ella amuava. Depois... depois calavamo-nos. Eu apertava-lhe muito as mãos e murmurava: *Minha Chica!... Chiquinha!...* Ella tambem apertava e dizia: *Anselmo!*... Depois... depois eu ia para casa.

E para aquillo me deitava eu a que horas da madrugada!

Mas, emfim... a Chica assim o queria!

Ora já na noite anterior,—a de 3 de Outubro,—a cousa não correra lá muito bem. Pela rua, habitualmente deserta, toda a noite haviam passado grupos de individuos, que deitavam para a Chica cada olho!... e a certa altura, ahi pela hora de dizer mal da tia, sentimos tiros.

Os grupos passaram mais numerosos e mais rapidos, e quando eu, depois de ter ameigado a Chica, a socegal-a, recolhi a casa, já Lisboa estava em plena revolução.

No dia seguinte,—era o dia 4,—passei toda a tarde a premeditar uma *gazetta* á Chica.

A occasião era excellente. A revolta rebentára. Entre monarchicos e republicanos travára-se um duello tremendo, cujos resultados não podiam ser indifferentes ao meu coração de patriota.

Podia eu ir tagarellar de amor com a Chica, emquanto os outros se batiam? Não... nunca!

A Chica havia de ser a primeira a não querer que eu n'aquella noite historica fosse lá para a janella... minha Chica para aqui!... Chiquinha para acolá... dizer mal da tia. Não... Não... ella propria seria a primeira a dizer-me, se eu lá lhe apparecesse:

—Não, Anselmo... vae! O teu logar esta noite não é aqui.

Resolvi portanto não ir á Chica e aproveitar a Revolução... para me deitar mais cêdo.

Depois soube que quasi todos os monarchicos tinham feito a mesma cousa.

E deitei-me cêdo, deitei-me ás dez... Mas não houve meio de adormecer. A ideia da Chica, em roupão, sem espartilho, na casa de jantar, á minha espera... coitadinha!... não me deixava dormir.

Imaginava-a inquieta, olhando o relogio, estranhando a minha demora, sobresaltando-se a cada tiro, cheia de angustia, prevendo alguma desgraça, adivinhando-me em meio da lucta tremenda,—ella, tão aceiada!—com as mãos negras de polvora, sem collarinho, com os cabellos empastados pelo suor e o rosto afogueado pelo ardor do combate.

Não... não... Não podia deixar a Chica n'aquella angustia, n'aquella afflição, emquanto eu para alli estava na cama dormindo... Dormindo, não, porque se estivesse dormindo... acabou-se; a Chica que se aguentasse, que uma revolução não ha todos os dias.

Mas se não havia meio de adormecer!..

E levantando-me da cama resolvi ir á Chica.

E fui... fui, mas não sem têr perguntado a mim mesmo, em meio da rua:

—Vou para o Rocio?... Vou para a Chica?

Hesitei um momento, puchando a gola para cima. Das bandas do Rocio vinha o crepitar da fusilaria, das bandas da Chica não vinha nada.

Fui para a Chica.

Lá estava... coitadinha!... com as mãos geladas, os labios tremulos, o nariz vermelho do frio... Todo o dia estivera em sustos, anciosa por noticias, não percebendo bem, na frivolidade do seu espirito, o que era tudo aquillo... aquelles tiros, aquelles gritos, o Cazuza que voltára mais cedo do collegio assobiando a *Portugueza*, o padeiro que descompozéra a creada recusando-se a pezar o pão *porque já havia agora liberdade*, o homem da carne que mandára dizer á tia que se quizésse o carneiro o fosse lá buscar pois elle era tanto como ella... tudo emfim emquanto succedêra em todo aquelle dia de confusões e de sustos.

E chegada a noite, noite aborrecida, sem theatros, sem animatographos, sem nada, começára a inquietação por minha causa, com a demora... O tempo a passar, a passar... o relogio a dar a uma, e as duas, e as duas e meia... e eu sem apparecer.

E a Chica... coitadinha!... apertava-me muito as mãos, n'uma grande tremura, com vontade de chorar.

Eu, é claro, tranquilisava-a:

—Não é nada... verás,.. isto amanhã já está tudo socegado.

Ella,—a pobre pequena!—agarrava-se muito a mim, cheia de susto, sem comprehender, e murmurava:

—Que afflição, meu Deus, que afflição!

E eu enternecido puchava-a para o peito acarinhando-a, ameigando-a:

—Coitadinha da Chica... da minha Chiquinha!... Coitadinha d'ella!...

E affagava-a lindamente, suavemente, com muita ternura, com muita meiguice... até que, por fim, ella, deixando cahir sobre o meu hombro a cabecita, com os dentes cerrados, olhar fito e os labios frios gemeu:

—Anselmo!... meu Anselmo!...

Ora foi precisamente n'esse momento que pelos ares estrondeou a primeira girandola de foguêtes, annunciando á cidade a proclamação da Republica.

ANSELMO.

"ADESIVOS E MAKAVENCOS„

Chegou nova remessa d'estes magnificos bacios á casa

"AU BON MENAGE„

81, R. de Cedofeita, 85 **Teleph. 942--PORTO**

Casa especialista no fabrico de colchões de arame, colchões de folhelho, lã, crina, e summauma.

Unica colchoaria no Porto que possue um bem montado serviço de esterilisação e desinfecção pelo vapor sob pressão.

O proprietario,
Julião D. Monteiro

V. Pinto de Faria

Commissões, Consignações e Conta propria

R. de D. Pedro, 110—2.º PORTO

Acceita representações de casas nacionaes e estrangeiras

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Augusto Gomes dos Santos

Completo sortido em louças vidros, crystaes, mulduras e outros artigos proprios para brindes

Telephone, 1139

Rua Sá da Bandeira, 195 a 199—PORTO

ALFAIATARIA

GONÇALVES, FILHO

RUA FORMOSA, 252 PORTO

Sortido completo de fazendas nacionaes e estrangeiras
Executa-se todas as obras no mister

Garante-se ser esta casa a que mais barato vende e mais barato confecciona

Rapidêz na execução de todas as encommendas

Atelier de Roupa Branca

M. d'Aguiar Leitão

Proprietaria e directora:

Marqueza Isabel d'Aguiar Leitão

Fabrica e deposito de roupa branca para homem, senhora e creança

Os mais elegantes modelos em roupa branca de senhora

(ESPECIALIDADE D'ESTA CASA)

ENXOVAES PARA CASAMENTO

ENXOVAES PARA BAPTISADO

BRINDES A TODAS AS NOIVAS

20, Praça da Batalha, 22

(Á entrada da R. de Santo Ildefonso)

PORTO

Magalhães & Moniz, L.da

LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencias e lettras.

Agencia de assignaturas para todos os jornaes e publicações

Correspondentes em todo o mundo.

CASA FUNDADA EM 1873

11—Largo dos Loyos—14 PORTO

Fabrica de pregos e ferragens para malas

A unica no Paiz que fabrica todos os artigos para confecção de malas de viagem

Fabríco de ferragens e pregos para malas de viágem

PEDIR CATALOGOS E PREÇOS AO DEPOSITO

RUA DE D. PEDRO, 110—2.º **PORTO**

VINHOS

DAS

QUINTAS DO CABO TRANCADA E MATTINHO

EM

Santa Martha de Penaguião (DOURO)

PROPRIEDADES DE **Augusto Anthero de Magalhães**

ENCOMMENDAS:

Recebem-se no Largo dos Loyos, 12

Telephone 584